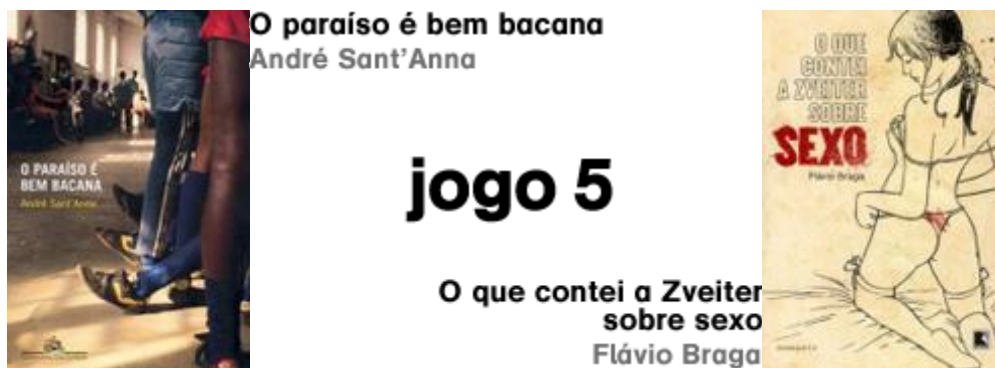
Jogo 5 – O paraíso é bem bacana x O que contei a Zveiter sobre sexo

24/09/2007

Jurado: Antonio Marcos Pereira

Site/blog: http://antoniomarcospereira.wordpress.com/

____

Fodas, fodeções, fudidos, filhos-da-puta, escrotos: tais elementos abundam nas duas narrativas desse certame. Tanto Flávio Braga em *O que contei a Zveiter sobre sexo*quanto André Sant'Anna em *O Paraíso é bem bacana* levam o leitor a um universo onde o sexo move a trama e no qual, movidos pelo sexo ou pelo desejo de sexo ou por suas manifestações oblíquas e disfarçadas, os personagens passeiam por surubas, sessões de sado-masoquismo e exibições de rematada escrotidão e grandeza épica. O resultado do jogo é o mesmo de um hipotético encontro entre o XV de Piracicaba — em qualquer época— e o São Paulo na época de Telê Santana. Braga só pode comparecer em uma **Copa de Literatura** a partir de uma definição muito caridosa de "literatura": seu livro é um equívoco do começo ao fim e, incrível, mesmo *depois* do fim. Já Sant'Anna produziu um belo exercício de literatura, dando um legítimo show de bola, cheio de lances que hão de contaminar a memória das gerações futuras. Meninos, eu vi: foi uma goleada.

Vamos começar por *O que contei a Zveiter sobre sexo*. Ao longo de mais de trezentas páginas, Braga expõe as aventuras de João, *um sujeito que só pensa 'naquilo'*. Sua trajetória é marcada única e exclusivamente por seu desejo de fazer sexo, que sobrepuja todos os demais. A tudo ele se rende para fazer sexo, e sempre se atrapalha por causa disso. E, depois de fazer uma vez, ele quer fazer de novo, com outra, de outra maneira.

Todas as circunstâncias de sua vida dignas de serem narradas ou resultam em sexo, ou partem de sexo, ou são entremeadas por sexo. Ele transa com putas, trabalha como cafetão e gigolô, tenta escrever um roteiro para um filme pornô, come a ex-amante do próprio pai e trepa com a própria mãe. No meio do caminho, encontra tempo para fazer um curso de Letras — fato inócuo que não resulta em uma carreira nem em desenvolvimentos adicionais da trama, funcionando apenas como uma espécie de indulto para a expressão rebuscada que o personagem utiliza para se relatar. A certa altura, ficamos sabendo que o relato é estimulado por sua relação como cliente de um psicanalista heterodoxo, o Zveiter do título.

O mote é semelhante ao do lapidar *A consciência de Zeno* — até o título do livro de Braga lembra o romance de Italo Svevo. Mas onde Svevo faz o inesquecível Zeno ser a vítima perene de suas trapalhadas e expô-las ao escrutínio de um psicanalista para que nós possamos, no processo, escrutinar a nós mesmos e nossas neuroses e impasses existenciais, o João criado por Braga é um personagem tão monocórdico em sua única obsessão que torna improvável qualquer processo de identificação. Sem identificação, sem uma relação minimamente empática com o personagem, arrastei essa leitura movido por uma idéia quase cristã de que a redenção final sempre é possível. Não foi; pelo contrário, no posfácio o livro ainda naufraga mais. Um trecho típico:

O sentimento envolvendo Renata era de grandeza intelectual, como se seus conhecimentos participassem de nossa vida afetiva. É claro que era excelente o nível de nossas conversas, e ela me instruía bastante. Nossos intercursos eram pontuados por observações interessantes sobre o homem e a natureza, o idealismo em Kant, a questão da linguagem em Lacan ou Nietzsche e a pós-modernidade. Como eu não tinha nenhuma base, muitas vezes misturava tudo. Para sublimar minha inferioridade patente, eu me esforçava ao máximo para lhe dar prazer. Cada sessão de sexo envolvia muitos orgasmos. Renata me procurava várias vezes por semana.

Há momentos em que o personagem assume mais claramente seu lugar de ensaísta e filósofo de alcova:

O sexo pode ser pura alegria. Há quem gargalhe antes do coito, à simples perspectiva do gozo. Durante a ação: sisudez e formalidade interior que vai nos invadindo e por fim estamos desesperados de paixão. Isso, naturalmente, durante uma relação

desejada. Há realismo na afirmação contracultural ligando drogas, sexo e rock-and-roll. O sexo pode ser festa, pura alegria… e viciar como droga.

Há, por fim, momentos que são só sacanagem:

— Ai, malvadinho, me deixou excitada, me penetra, vai…

— Não. Só retirei sua mordaça para ouvir seus gritos.

Arranquei o esparadrapo da vagina num único movimento. Ela gemeu e girou o corpo, provocando um ajuste do nó de forca.

— Me penetra — suplicou.

As lágrimas rolaram.

Retirei da bolsa dois pepinos grandes onde eu esculpira aríetes dentados e os enfiei lentamente em sua vagina e ânus. Ela gemeu alto, fui forçado a amordaçá-la, novamente.

Sacanagem, entenda-se bem, com o leitor. "Grandeza intelectual"? "Sisudez e formalidade interior"? "Aríetes dentados"? Com quem ele pensa que está falando? Só pode ser um caso de pressuposição de um leitor estúpido, um leitor idiota, um leitor tão escroto quanto esse personagem indigente até em sua vilania, incapaz de provocar em mim um momento sequer de alegria. Imagino que Braga, como qualquer autor, deseja que seus leitores suspendam a descrença, comprem a idéia, se importem com os personagens e suas tribulações. Mas, salvo o caso de um leitor estúpido ideal, é difícil acreditar que alguém minimante familiarizado com a leitura efetivamente creia em João, no que faz, como faz. A pseudo-sofisticação da retórica do personagem, o uso de gêneros distintos (a certa altura, lemos trechos de um roteiro pornô ordinário, tradicional, e em seguida o roteiro supostamente elaborado, "cabeça", criado por João) e a incorporação de situações retiradas de outros romances (há um momento em que João emula, de maneira resumida, os passos trágicos da ascensão e queda de Humbert Humbert, o narrador de *Lolita*) pressupõem um leitor com um certo histórico, uma certa familiaridade com produções literárias mais sofisticadas. Mas não consigo conceber um leitor bem-informado apreciando essa narrativa na qual nada funciona. Há um paradoxo: o leitor ideal do livro deve ser capaz de identificar e julgar interessante o trabalho

intertextual do autor, que obviamente importa para ele. Mas um leitor com esse tipo de formação dificilmente será seduzido por uma narrativa tão unidimensional. Como a narrativa não tem a mínima condição de sustentar o interesse de um leitor mais criterioso, imagino que Braga privilegiou, em seu projeto de leitor ideal, alguém muito semelhante a seu personagem: um sujeito mal-informado e meio tosco, mas ávido de alguma respeitabilidade intelectual. Especulando, pensei que poderia ter lido sobre um personagem com questões a respeito da forma de seu desejo, mas li apenas sobre um escroto que fode, e que fodeu a minha paciência. Que pena — que pena que li.

Mas, como o que é ruim sempre pode piorar, eis que piora. Pois há um posfácio. Ora, o paratexto é um recurso poderoso: pode balizar uma leitura, alterar o campo semântico de um texto, instruir o leitor a respeito de sua tarefa interpretativa. O posfácio de *Zveiter* me diz que seu autor busca atrelá-lo a Cervantes, Nabokov, Petrônio, Bocaccio. Quanto a isso, nenhum problema: uma das alegrias da literatura há de ser poder escolher de quem você é filho, poder usar da predileção para afirmar sua genealogia. Mas é preciso fazer jus a sua genealogia de eleição, estar à sua altura em alguma medida — nem que seja pela intensidade com que se quebra a cara. E Braga nem chega perto disso: ele não corre risco algum. Nesse livro que fala de sexo mas que é curiosamente privado de qualquer momento de ousadia, talvez seja notável apenas o fato de Braga não ser capaz nem de produzir um diálogo profícuo com a tradição literária à qual ele se remete no posfácio, nem de *recusar* o diálogo com essa mesma tradição.

Quando Nabokov, criador de personagens incrivelmente vis e infinitamente fascinantes, nos apresenta às obsessões sexuais de Humbert Humbert ou de Charles Kinbote, sabemos que estamos diante de figuras lastimáveis, escravos narcisistas do próprio desejo. Mas eles nos capturam, nos comovem, nos fazem rir — enfim, *mobilizam* quem lê. E desde que li *Aspectos da teoria da sintaxe* nunca havia passado por uma experiência de leitura tão tediosa e pouco recompensadora quanto esse *Zveiter*. Será matéria de orgulho para mim vê-lo naufragar no que espero ser a maior goleada dessa **Copa**.

***

Em *O Paraíso é bem bacana* estamos diante de outra espécie de animal. Talvez seja o primeiro *Bildungsroman* de um fudido na história da literatura. Pois é o que se narra aqui: a história da formação de um fudido que, *qua* fudido, cumpre seu destino trágico — ou seja, se fode.

Se em seu livro anterior, *Sexo*, Sant'Anna escreveu um pequeno tratado de nenhuma virtude para demonstrar que cada um fode como pode, aqui vemos que o exercício continua, em um certo sentido, o mesmo: em que pesem todas as distinções formais e temáticas que separam os dois livros, um jeito de ler *O Paraíso* é considerá-lo um longo texto que proclama que *cada um se fode como pode*. Com uma estrutura algo semelhante à da segunda parte de *Os detetives selvagens*, de Bolaño, o livro de Sant'Anna é construído a partir de inúmeros fragmentos em que os personagens falam de si ao falarem de sua relação com Mané, menino pobre de Ubatuba. Aliás, pobre não: fudido. Negro, sem pai, mãe alcoólatra, péssimo na escola, Mané custa até a aprender a bater punheta. Depois de alguns jogos de glória pelo Santos sub-17, ruma para a Alemanha com um contrato para jogar futebol na Gringolândia. Lá, descobre a promessa das setenta e duas virgens que aguardam o mártir da Intifada, se torna Muhammad e, enfim, escolhe: o Mané, que "era otário demais para ser um filho-da-puta", que "não estava entendendo nada", que "não sabia o que era status", que "era incapaz de sentir orgulho por qualquer coisa que tivesse feito", que era "incapaz de interpretar qualquer interpretação vinda das outras pessoas" e que talvez nem "soubesse o que é um ser humano", decide se tornar um "marte". E pronto.

Como dar conta de um personagem assim? As mil e uma vozes que fazem esse livro são muito, muito distintas: há a psicóloga do Santos; há o primeiro treinador; há policiais na Alemanha; há um trompetista brasileiro jogado em Berlim; há os colegas escrotíssimos da escola do Mané em Ubatuba; há a mãe do Mané; há o patrício e conselheiro auto-intitulado do Mané na Alemanha, o Uéverson. E há o narrador, que fala basicamente de e sobre o Mané. Há vozes excelentes: Sant'Anna tem um ouvido bom para a fala popular, captura e aposta em nuances relevantes. Seus fudidos e seus escrotos falam como tais, não se vê ênclise nessa terra, e as concordâncias e regências são erráticas. Mas a voz está lá, audível, palpável, cheia de erros de acordo com a norma gramatical mas sempre interessante, viva:

Mané era um pretinho, viadinho. Ele ficava aqui na porta, olhando pra dentro com cara de esfomeado. Tinha um colega aqui, o Carioca, que gostava de menino, dava dinheiro pra eles comerem a bunda dele. O Carioca sempre oferecia de pagar um lanche pra esse Mané.

É porque é tudo mocréia. Se elas conhecesse o negão aqui, elas largava esses véu e essas roupa preta e ia fazer fila pra dar uma bimbada. No fundo eles, os turco todo, só quer saber de sacanagem. Aqueles folheto do Mané era cheio de sacanagem. Os cara ia ganhar não sei quantas esposa quando morresse, tudi virgem, tudo cabaço. Na rua, eles fica fazendo pose pose de sério, as mulher tudo fingindo que é santa. Mas, embaixo daquela roupa, deve tá tudo com as buceta se derretendo.

Agora eu tenho remorso porque Deus abriu meus olhos, mas na hora, naquela época, o pessoal iam chutando mesmo, por causa da inveja que nós tinha. Era por causa que o Mané era bom no futebol, era melhor que nós tudo.

O narrador está sempre dizendo "Mas não": esse verdadeiro *leitmotiv* do livro fala também do que talvez justifique esse pandemônio de vozes. Mané é um conjunto de contingências — nenhuma essência o explica, nenhuma estrutura subjacente o resolve. Ele só sai quicando ao sabor das circunstâncias, e dá no que dá. Poderia ser de outro jeito. "Mas não": é isso mesmo:

Era para o Mané ter uma noite e tanto. Era para o Mané se deitar e ficar pensando em tudo aquilo que estava acontecendo na vida dele, do Mané. Era para o Mané fazer planos, sonhar com um futuro glorioso, ele, o Mané, lá, na Europa, cercado de mulheres lindíssimas, louras, européias, cheio de dinheiro, morando numa mansão, [...] conquistando títulos internacionais, vencendo a Copa do Mundo, entrando para a história do futebol mundial, entrando para a história. Era para o Mané até ter uma insônia saudável, uma insônia feliz, uma insônia realizada.

Mas não.

[...]

O Mané, prestes a entrar num futuro grandioso, estava com medo de perder um almoço – um bife, um ovo frito, uma fatia de queijo derretido, duas folhas de alface, um tomate, um bocado de maionese, uma garrafa tamanho médio de guaraná.

Esse eterno movimento que recupera um misto de possibilidade e interdição gera um efeito curioso: é como se a vida que o livro narra estivesse sempre à beira de se transformar em outra, como se Mané estivesse sempre à beira de se transformar em outro. Mas, assim como muitos, ele só repete a si mesmo, sempre, até o fim.

Mané principalmente ignora e erra. Mas também deseja. Logo, também sofre. E, é claro, como todos, há de morrer. Seria um erro definir esse livro como um romance de formação incompleto ou falho: seu *personagem* é incompleto e falho — mas quem não é? Sant'Anna acertou a mão bonito no livro e, mesmo pesando várias coisas que me desagradaram no processo — a extensão exigente demais, o desequilíbrio qualitativo das vozes narrativas (quanto menos povão, menos verossímil) — no final da leitura me dei conta de que em vários momentos havia *gargalhado,* em outros momentos havia me *comovido* e também, no meio das mil outras coisas que o livro evocou, me *importei* com Mané. O que quer dizer que pensei com, por, através do personagem criado por Sant'Anna. E *isso* é literatura. Sem nenhum posfácio-escudo de grandes autores, Sant'Anna certamente invocou aqui os autores que leu, os autores aos quais paga tributo — como escrever a não ser assim? Penso em autores como Machado de Assis, Flaubert, John dos Passos, Faulkner, Sherwood Anderson, e no já citado Bolaño. É possível ver no livro de Sant'Anna o reaproveitamento de estratégias formais e peculiaridades temáticas inicialmente forjadas ou exploradas por esses nomes. Em minha leitura eles comparecem, todos aqui, nessa sessão espírita dos diabos, encarnados em Mané, suas virgens, sua vida fudida de glórias paradisíacas às avessas. Faz tempo que não leio uma coisa de literatura brasileira pra curtir tanto assim.

Apito final, jogo encerrado com uma goleada épica: 10 a zero pro Mané-Sant'Anna. Show de bola.

VENCEDOR

O paraíso é bem bacana – André Sant'Anna

Mesa redonda

Comentários de Lucas Murtinho

Antes de ler a resenha do Antonio eu tinha duas opiniões sobre *O paraíso é bem bacana*: é um azarão na **Copa de Literatura**; não deve ser um bom livro. Prestei tão pouca atenção ao romance de André Sant'Anna que escrevi uma grande bobagem no meu comentário ao terceiro jogo da **Copa**, quando disse que *O segundo tempo* era o único participante que falava sobre futebol. O Jefferson me corrigiu rapidamente, mas continuei vendo *O paraíso é bem bacana* como um coadjuvante que não iria muito longe na competição.

Depois de ler a resenha do Antonio, meus dois preconceitos foram jogados no lixo. Agora considero *O paraíso é bem bacana* um sério candidato ao título e quero lê-lo assim que possível. E uma resenha que me faz mudar tão radicalmente de idéia merece meu respeito. Posso até acabar não gostando do romance de Sant'Anna, mas Antonio Marcos Pereira é desde já um dos meus críticos literários preferidos.

Graças ao endosso entusiasmado do árbitro, *O paraíso é bem bacana* passa com moral à próxima fase da **Copa de Literatura**. Seu adversário nas quartas de final será *As sementes de Flowerville*, que, apesar de ser um dos favoritos ao título, ganhou seu primeiro jogo no sorteio e foi duramente criticado pelo Doutor Plausível. O que duas semanas atrás pareceria uma barbada virou um jogo duro, que será apitado por Jonas Lopes. Mas antes ainda vamos definir os outros jogos das quartas de final. No próximo jogo, apitado por Eduardo Carvalho, *Pelo fundo da agulha* e *Bóris e Dóris* disputam o direito de enfrentar *Música perdida*.

***

Os mais atentos talvez tenham notado, na nossa lista de jurados, duas substituições importantes. Os árbitros das semifinais, Paulo Polzonoff e Francisco José Viegas, não poderão participar da **Copa**; entram em campo em seus lugares Simone Campos e Luiz Biajoni. Boa sorte aos que foram, sejam bem-vindos os que chegam.

comentários

Renata Miloni disse:

24/09/07 - 9:03 am

1

Antonio, eu sempre gostei de ler tuas opiniões sobre qualquer livro porque percebo nitidamente a literatura correndo aí dentro de uma forma bastante intensa, e é algo que admiro muito em você. Tua resenha é a prova disso e acompanho o Lucas quando ele diz que você é um dos críticos literários preferidos dele.

Não li nenhum dos livros, mas é possível ter uma idéia do grande desastre que Braga fez. Antes de a Copa começar, eu achei em alguns sites trechos do *Zveiter* e já sabia que ali não tinha qualquer coisa boa. Claro que é muita pretensão minha julgar o livro apenas por trechos soltos, mas acho que este caso é uma exceção. Parece que ele quis mais ofender a literatura do que fazê-la.

Há um tempo eu estava numa livraria e dei de cara com o *Paraíso*. Li uma coisa e outra, não tinha dinheiro no dia, mas o que li me agradou e a sensação de que ia gostar do livro permaneceu. Teus comentários, Antonio, reforçaram de uma maneira melhor minha vontade de ler. Espero que isso aconteça com mais pessoas.

Parabéns mais uma vez e que bom que você aceitou participar da Copa, que ótimo.

clara lopez disse:

24/09/07 - 1:12 pm

2

Touché, segunda melhor resenha da Copa, não nessa ordem, necessariamente. Crítica literária de primeira, através da qual sabemos tudo o que importa sobre cada livro e mesmo o tom mais emocional quando fala do Zveiter parece adequado aos excessos e à baixa qualidade da obra. Parabéns, Antonio, e obrigada por poupar meu tempo de leituras tolas.um abraço,

clara lopez

Juliana disse:

24/09/07 - 2:00 pm

3

Ótimo texto mesmo, Antonio. Concordo com a Clara, gostei muitíssimo.

Parabéns e abraços, joo.

Rodrigo Sampaio disse:

24/09/07 - 3:43 pm

4

A dar-se crédito ao resenhista, temos um fato comuníssimo em literatura: contistas que se metem a escrever romances. Entenda-se: esta esmagadora maioria que não consegue escrever senão um conto esticado (como a Trilogia de Nova Iorque), não o faz por vício de escrever contos. Há contistas que um dia resolvem escrever um romance e o fazem, ainda que apanhem nos primeiros livros. O que é o mesmo que dizer que um romancista pode ser contista a vida toda, sem jamais escrever um conto.

Oº°'¨ Jefferson ¨'°ºO disse:24/09/07 - 4:54 pm

5

Resenha fu-di-da!!!

Mas ainda ficou uma pulga atrás da orelhona aqui: o *Paraíso* fala algo sobre futebol ou é só plano de fundo?

Bernardo Brayner disse:

24/09/07 - 9:44 pm

6

Ontem o Náutico deu uma pisa boa no Sport e hoje eu leio este texto. O futebol só me dá alegria mesmo. Parabéns, A.M.

Bernardo Brayner disse:

24/09/07 - 9:53 pm

7

Jefferson, o personagem principal é jogador de futebol, assim como vários secundários.

O livro realmente fala sobre futebol mas é bem mais que isso.

{ Citar este comentário } { Comentar }

marcus disse:

24/09/07 - 10:08 pm

8

não li qualquer dos livros que disputam a copa e tal fato me impediu de fazer qualquer comentário aqui - apesar de acompanhar os jogos.

mas a resenha do antônio tem aquele tipo de qualidade que se não prescinde dos livros(o que seria uma bobagem ou um exercício de vaidade), tem méritos próprios e ali transparecem características que são escassas nos textos de muitos críticos.

conhecimento de causa - além de possuir as ferramentas para escrever uma crítica, é evidente que os livros foram realmente “lidos”, algo parece improvável em muitos textos críticos. assim, mesmo o livro pelo qual o crítico não tem o menor apreço, é ‘destruído’ com propriedade.

generosidade - o que para alguns pode parecer ‘tom emocional’, é demonstração de vontade crítica, desejo de contribuir para a leitura, reação ao objeto de análise, falta de pudor em expor o que acredita. Cansa um pouco aquele tipo de texto que apenas trata do que se gosta, o crítico que vira divulgador dos amigos. (o formato da copa obriga que se confronte alguns livros…)

qualidade do texto- seja pelo jogo com termos correntes nos livros apreciados, ou por méritos estilísticos do próprio texto, é bom quando o crítico se preocupa com a forma de seu próprio texto.

acho que estas características podem ser observadas aqui e em outros textos da copa, de formas diferentes e com maior e menor sucesso, parabéns ao Antônio

tiago a. disse:

24/09/07 - 10:19 pm

9

devo confessar que eu já tinha me convencido a poupar meu tempo e nem tentar ler as coisas de maior fôlego de andré sant’anna depois de ter lido algumas coisas curtas que ele publicou–aquela carta no rascunho, aquele conto na piauí do mês passado, e.g.– e de ouvir falar da quantidade de pancada que ele recebeu de um dos jurados desta copa mas acho que esta resenha de AMP–que tá difudê–reestabeleceu o estado de curiosidade inicial–só resta torcer para que nos próximos dias eu não esbarre em mais um texto de andré sant’anna dizendo que o que ele faz é vanguarda e que ele gosta é de vanguarda e oi oi oi coitadinha da vanguarda tsc tsc tsc ninguém entende a vanguarda etc.

Marcio disse:

25/09/07 - 12:04 am

10

Hands down, a melhor resenha da copa.
E todos os trechos citados me deram uma vontade tremenda de ler Henry James.

Marcio disse:

25/09/07 - 12:08 am

11

e faço uma declaração solene: não acredito em resenhas que não citem o resenhado.

Dr Plausível disse:

25/09/07 - 12:15 am

12

Bela resenha. Só não entendo por q o autor não escreve em seu blogue desde fevereiro…

Antonio Marcos disse:

25/09/07 - 9:20 am

13

Agradeço a todos pelos comentários; fico feliz que tenham gostado da resenha - eu me diverti no processo, tenho me divertido com o processo todo da Copa. E eu nem gosto de futebol.
Jeff, o Berna já respondeu, mas vou reforçar: não só o Mané joga futebol como há inúmeros personagens que lidam com futebol de alguma maneira no livro (de colegas jogadores a adversários do Mané, de treinadores a entusiastas, de cartolas a psicólogas de time a empresários). É uma exploração razoavelmente detalhada do campo (social) do futebol.
Marcio, eu tb tenho questões com resenhas que não citam mas às vezes eu penso que é caretice minha, e um pouco de resquício da academia, do negócio de afirmar e sustentar pela evidência, etc. Dá pra abdicar da citação e fazer o negócio bem feito - eu é que não sei como.

Tiago, vou ler esse bendito texto da vanguarda direito pra comentar melhor - o Bruno Garschagen desceu a chulapa no Sant'Anna acho que inspirado por esse texto aí (pessoal, o Tiago fez comentários úteis a uma versão inicial da resenha, e aproveito para agradecer aqui: o mesmo vai pra nosso MC, o Lucas, e pra Renata: todos leram e comentaram, e me ajudaram a melhorar o texto).

Dr Plausível, em fevereiro estava atolado em trabalhos de revisão e tradução para sobreviver, tinha pouco tempo pra me dedicar ao Ozu. E logo depois fui chamado pela Federal da Bahia, e o que se seguiu foi o turbilhão de mudança de estado com todas as mil complicações associadas. Agora, enfim, estou alojado em condições melhores do ponto de vista do acesso, e devo voltar em breve a escrever no blog - amigos me cobram, e eu mesmo sinto falta. Devo mudar algo também, tanto na forma (a Renata Miloni deve me ajudar nisso, mas vai ser mais pra diante) quanto no conteúdo (devo deixar o blog mais "normal": às vezes eu mesmo leio o que está escrito lá e acho um pouco encriptado).

Antonio Marcos disse:

25/09/07 - 9:32 am

14

PS Na hora de mencionar a presença de outros autores no panorama (especulativo) de influências de Sant'Anna, esqueci de falar do Ivan Ângelo - cujo A Festa, que acho magnífico, apareceu em minha memória também enquanto eu lia O Paraíso.

Kleber disse:

25/09/07 - 12:18 pm

15

Gosto do André. Tinha minhas dúvidas sobre se o estilo dele ia sobreviver à extensão do projeto desse romance… mas parece que se saiu relativamente bem adotando a pluralidade de pontos de vistas.

Paulo disse:

25/09/07 - 12:47 pm

16

O Garschagen detonou o texto do Sant'Anna com toda razão, porque o autor é medíocre mesmo. A resenha acima aliás manteve a minha convicção firme de que o Sant'Anna é

a pior trolha que já entrou nos anais da literatura brasileira dos últimos 15 ou 20 anos. Mas reconforta-me a certeza de que o Sant'Anna não passará das quartas.

Paulo disse:

25/09/07 - 1:57 pm

17

Mas aproveito para de novo parabenizar o Murtinho pela iniciativa, é muito divertido vir neste site e encontrar mais uma resenha, mesmo que dê vitória o medíocre do Sant'Anna. Sugiro ao Murtinho que tente promover mais de uma por ano, seria legal ter sempre gente aqui resenhando livros da literatura pátria, é maneira interessante de fazer interessar o leitor por livros desconhecidos (eu de mim já comprei a Adriana Lunardi pra ler só em função da resenha do Plausível — resenha aliás medíocre).

Oº°'¨ Jefferson ¨'°ºO disse:

25/09/07 - 2:44 pm

18

kkk, como diz uma interjeição goiana de surpresa: Rensga!
ô ómi bruto esse tal de Paulinho, ainda bem que ele não comentou lá na minha resenha, senão tava chorando até agora, kkk.

felisbert disse:

25/09/07 - 3:19 pm

19

Medíocre a resenha do Dr Plausível? Medíocre é o seu comentário, Paulo, totalmente irrelevante e completamente dispensável nesse espaço. Gente metida a besta está dispensada de aparecer por aqui, e se aparecer podia poupar os outros de falar nonsense.

Claudio disse:

25/09/07 - 3:35 pm

20

Realmente. Salvou-se a penas a sugestão para que tenhamos logo, logo um nova Copa. E já mando uma sugestão e uma opinião: incluam o Rakhushiha, da Adriana Lisboa. E caso lance livro novo, desde já o Milton Hatoum é hours-concour.

E… que tal uma Copa com os já consagrados clássicos de nossa literatura? Dom Casmurro x Grandes Sertões, A Paixão Segundo GH x O Quinze, Os Sertões x Vidas Secas, etc…

Bernardo Brayner disse:
25/09/07 - 3:48 pm
21
Apóio as duas idéias.

Antonio Marcos disse:
25/09/07 - 6:38 pm
22
Kleber: eu gostei do "Sexo", mas achei o "Amor" um saco (ê, conversa, hein?). Ao ver O Paraíso pela primeira vez na livraria, me deu gastura a extensão do livro. Mas, enfim, achei que funciona.
Paulo: não quero levar a conversa a sério demais; acredito que gosto se discute sim. Mas quando vc diz que "O Garschagen detonou o texto do Sant'Anna com toda razão, porque o autor é medíocre mesmo", "o Sant'Anna é a pior trolha que já entrou nos anais da literatura brasileira dos últimos 15 ou 20 anos", e "reconforta-me a certeza de que o Sant'Anna não passará das quartas", fico pensando de onde vc tira tantas certezas. E, como vc não argumenta, só declara, não dá pra avançar na conversa, não dá pra discutir o seu gosto, suas escolhas, seus vereditos. Ou dá?
Quanto ao trabalho do Lucas, realmente tem sido primoroso, e merece mesmo congratulações. Agora, a idéia de duas Copas por ano já me parece demais: parte da graça, para mim, está no prêmio de melhor do ano. Isso é legal e, imagino, há de criar, com o passar do tempo, um certo folclore, um certo contraponto aos prêmios de instituições oficiais. Aqui, o prêmio será só a láurea simbólica, e o valor que poderá ser agregado ao livro por causa disso (comentário recolhido em uma mesa de bar daqui a uns seis anos: "Vc viu o livro do Samuel Rodrigues? Levou o Jabuti, mas recebeu a maior chulapada na Copa, nem passou pras quartas de final…").

Paulo disse:
25/09/07 - 9:40 pm

23

Antonio Marcos, dar-te-ei nada menos que três razões para o meu alvitre, na forma de três excertos da prosa de André Sant'Anna. Isto porque, como você verá, e como já disseram em outro lugar, a melhor crítica ao Sant'Anna é a transcrição pura e simpes — ela fala por si.

"Porra… É só ir lá e ver. É ou não é? Tudo é assim. Ta tudo lá, claro e evidente, você tá me entendendo? Todo mundo não sabe que tudo que é policial rodoviário leva caixinha? Porra… É claro que sabe. Se você for parado na estrada, seu carro tá com problema, o policial descobre… Você não vai ter que dar uma grana pro cara, pra não ter que pagar uma grana maior de multa? Porra… É claro que vai. Corrupção, porra… Todo mundo não sabe que, pra ganhar eleição, você vai ter que arrumar uma grana preta e que pra ganhar essa grana preta, você vai ter que fazer uns acordos estranhos com umas empreiteiras, uns financiadores escondidos, essas parada? Caixa dois, essas porra que todo mundo sabe? Você não sabe que, pra governar o país, a nível federal, o cara vai ter que comprar o Congresso todo? Deputado, senador e o caralho… Porra… Se todo mundo sabe, se eu sei, se tudo que é jornalista sabe, porque é que fica todo mundo espantado, falando isso e aquilo na televisão, quando algum filha da puta fala que algum desses filha da puta aceitou uma graninha pra fazer uma parada?"

Paulo disse:

25/09/07 - 9:42 pm

24

Eis uma outra pérola, Antonio Marcos:

>> No banheiro do palácio da rainha da Inglaterra:

" George, porra, passa o baseado."

" Peraí, acabei de acender."

" Vai logo, senão chega o guarda."

" Deixa de ser paranóico, John. Daqui a pouco você vai ser Lord Lennon."

" Só se for o Lord da privada."

Barulho de descarga.

" Cacete. Não faz barulho."

" E agora com vocês, o fabuloso de Liverpool, o nowhere man, mais famoso que Jesus Cristo, Lord John Lennon - o nobre beatle de olhos vermelhos da privada do Palácio de Buckingham."

” Eu queria ser um polvo.”

” Ih! O Ringo tá doidão.”

” Eu sou um polvo, eu sou um polvo.”

Paulo disse:

25/09/07 - 9:46 pm

25

Antonio Marcos, eis a derradeira. Não espero convencê-lo de nada, apenas mostrei-lhe as minhas razões de julgamento, para que não recaia sobre mim a pecha de leviano.

“Era de noite, chovia, dentro do ônibus, olhando pra fora, em Copacabana. Tinha visto um filme do Buñuel e nem sabia que era do Buñuel, nem sabia que havia o Buñuel. Gostou das duas atrizes que faziam o personagem feminino principal. Estava apaixonado por elas.

Em casa, explicou quem era o Buñuel.

Não se importou que tivesse matado aula para ver o filme do Buñuel.

Era pra ver qualquer filme, não o do Buñuel especificamente. Deu sorte com o diretor e eram muito lindas mesmo, muito charmosas mesmo, que fazem ficar apaixonado. Podiam ensinar tudo e dar muito carinho e ser mães e ser namoradas amantes professoras.

Sabia que ia ser assim, se acontecer de novo, não vai perceber, está sempre acontecendo. Estavam esperando, não está mais começando, não vai virar mito. Não dá pra inventar toda hora. O que deve ser ser dos Beatles? O George Harrison, pensa no Itamar Assunção, lembra da Alzira, naquela noite, tão relaxado com as mulheres, nadou nu no mar. Perguntou quem era. Foram à praia, à cachoeira, deu um passe de calcanhar, jogou muito bem, brigou com o amigo, falou no telefone, outro dia, uma saudade, do amigo, fazendo coisas muito bacanas, conseguiu ficar músico, andando pela calçada, em Copacabana. Ficou lá deitado na banheira de hidromassagem, podia continuar pra sempre, eterno, tudo, inventando de novo.

Literatura, o caralho.”

}

Dr Plausível disse:

25/09/07 - 10:43 pm

26

Paulo,

¡Oba, gerei uma venda! (*...crying all the way to the bank...*)

Antônio,

Uma coisa q admiro em tua resenha é q vc emite opiniões radicais (ah vai, ¿dez a zero?) e *ainda assim* ela soa ponderada e justa.

nome sobrenome rg disse:

25/09/07 - 10:50 pm

27

Paulo, pelos três comentários acima, estou vendo que você vai amar o livro da Adriana Lunardi! Fez uma belíssima compra. Te vejo até na roda de amigos dela, num queijos e vinhos sábado à noite, depois de uma vernissage.

marcus disse:

25/09/07 - 11:50 pm

28

Sei lá, parece que o Paulo não tem nada a dizer mesmo, caso contrário não perderia tempo digitando trechos de textos como "razões" para alvitre. sei não… se o cara for tão ruim, por favor, um argumento! Nunca li nada, nadica, do André, então nem quero defender o cara, mas Paulo, uma vez que você é tão seguro em seu julgamento, compartilhe conosco um pouco de sua singular capacidade interpretativa.

tiago a. disse:

26/09/07 - 7:32 am

29

nunca lerei esse livro "o que contei…". a vida é curta, nunca lerei. mas vou dar o linque praquela resenha do todoprosa que disse que ele era um livro rubenfonsequiano melhor que o último livro de rubem fonseca. não gosto de rf, então nunca lerei "O que contei…". nunca lerei, mas táqui o linque:

http://todoprosa.com.br/?p=250

eu já disse que eu nunca lerei etc.?

Antonio Marcos disse:

26/09/07 - 9:08 am

Paulo: os trechos que você citou mostram algumas marcas do que, vá lá, a gente pode chamar de estilo do Sant'Anna. Mas isso, assim, tout court, não diz nada a respeito de suas razões pra gostar ou abominar - e menos ainda sobre a indigência dele como narrador. Como disse o nome sobrenome rg em outro comentário, acho que única coisa que retiro daí é a idéia de que você toma como condição necessária à produção literária uma linguagem mais "elaborada" ou tradicionalmente "literária". É isso mesmo? Do que, afinal, você gosta? Em meu caso, tendo a repelir uma linguagem muito cheia de pó-de-arroz. Outro dia deparei com uma frase de um livro da Adriana Lisboa citada em uma resenha: "Melhor era ser menos, apequenar-se, ser o mínimo possível e reivindicar o silêncio, a nudez e a liberdade. Melhor era ter as mãos vazias." É pouco, mas sei que disso eu, em geral, não gosto: essa ênfase no poético, no belo, que contamina tema, vocabulário, estrutura da frase. Ô, saco. Acho chato.
Uma amiga me mostrava uma vez, cheia de entusiasmo, um conto de Guimarães Rosa, "Conversa de Bois". Embora eu tenha lido e gostado do Grande Sertão e de Meu Tio O Iauaretê, GR é um exemplo que sempre posso usar quando quero falar de um autor que me parece superestimado, cuja leitura é asfixiante para mim, sobrecarregada com anseios de erudição européia-universal e por uma série de mitos que me aborrecem, como o de uma certa sabedoria atávica do sertão etc. Parte do que minha amiga me mostrava, e que julgava interessante, era a criação de um nome próprio, o nome de um dos personagens do conto, Moimeichego. Isso é manjado, mas eu não sabia. E, ao saber, achei tão trivial, tão tolo e vão. "Que besteira", pensei. "Que grande besteira".
No que diz respeito ao Sant'Anna, talvez seja um caso semelhante: onde vc vê besteira, vejo valor. "Porra… É ou não é?", "a nível federal", "quando algum filha da puta fala que algum desses filha da puta", "O que deve ser ser dos Beatles? O George Harrison, pensa no Itamar Assunção, lembra da Alzira, naquela noite, tão relaxado com as mulheres, nadou nu no mar", "Literatura, o caralho": eu tendo a valorizar trechos assim porque eles parecem mapear estados de pensamento e formas discursivas que, normalmente, não aparecem na produção literária. Há uma fonte de pensamento assistemático e caótico, de fala popular, de vernáculo que o Sant'Anna parece querer descrever melhor, parece se esforçãr para descrever melhor. E eu gosto disso, acho que significa enriquecimento para a produção literária. Gosto da vivacidade que percebo em algumas vozes de O Paraíso, gosto de pensar que essa vivacidade é fruto de uma atenção cuidadosa à circunstância, de um ouvido aberto e permeável às formas de falar

de brasileiros contemporâneos: acho bom que apareça, em literatura, “a nível de”, porque acho que isso revela algo sobre uma epidemia verbal importante, uma das muitas que testemunhei ao longo da vida, e isso revela a atenção que o autor é capaz de prestar à sua circunstância. Quando ouço o personagem do trecho que vc citou pensando “Literatura, o caralho” como a *conclusão* de um conjunto de associações, me sinto próximo do personagem porque, para o bem ou para o mal, pensei, eventualmente penso coisas semelhantes. Se isso é incompatível com a gramática normativa ou com idéias sobre o que deve ser a literatura (que eu também, em certa medida, tenho - e a resenha deixa isso bem explícito), paciência.
Isso tudo me lembrou um trecho de um filme (péssimo) do Wenders, O Hotel de Um Milhão de Dólares: os moradores do hotel chamam um crítico de arte para aferir o valor das telas deixadas para trás por um morador desaparecido. O crítico chega com o paramento de praxe: terninho da moda, óculos escuro, cabelo espetado. Contempla longamente as telas e, afinal, declara “É lixo. Mas, enquanto arte, eu gosto”.

Antonio Marcos disse:
26/09/07 - 9:22 am
31
Tiago: não tinha lido essa resenha do Sérgio. Eu já li e já curti muito Rubem Fonseca - nada que fosse transformador, mas coisas narradas com verve, gosto, pegada, boas narrativas. Mas as últimas coisas que li dele me deixaram cansado e desinteressado.
Há um trecho em que o Sérgio diz, falando do Fonseca:
“Todos caminham feito robôs para o crime frio, o sexo frio, a morte fria, algum desses destinos que o artifício do autor, friamente, exige deles. [...] No vácuo desse mundo estático não há espaço para angústia, descoberta, crescimento, aventura – nem dos personagens nem do leitor. Depois de duas dúzias de páginas, começa a zumbir ao fundo uma dúvida incômoda: por que narram os narradores deste livro? De onde tiram ânimo para tanto, se o próprio ato de contar uma história foi reduzido, em seu mundo, ao automatismo de uma escovada de dentes? A conta não fecha.”
Ora, eu diria isso mesmo, ou quase isso, do Zveiter. Só que eu acho que a conta fecha sim: é um livro ruim. Isso existe, existe livro ruim. Em certa medida, essa definição é questão de gosto. Em certa medida, é algo ligado ao projeto que imaginamos que o autor teve ao produzir o livro - e me surpreende que o Sérgio tenha ignorado o posfácio, que achei muito eloqüente por sinalizar a pretensão do livro. Nabokov é uma das

referências que o próprio Braga elenca nesse posfácio e emula no livro. Pois bem: um dos problemas é que o livro nem é Nabokov, nem é Carlos Zéfiro. E embora isso, o fato de não estar em nenhum dos extremos, não seja um problema a priori, a via media que Braga quis percorrer não me convenceu. O Sérgio menciona "O fato de Flávio Braga não se levar a sério demais": eu li diferente, e achei que o livro peca inclusive por isso, porque seu autor se leva a sério demais. Clássica conversa de botequim se anuncia aqui, talvez o destino ideal de toda discussão sobre literatura.

Senise disse:

26/09/07 - 10:10 am

32

As citações que o Paulo colocou foram copiadas do blog do Garshagen onde elas aparecem com a mesma intencão, exemplos de má escrita. Esse blog critica bastante o Sant'Anna, especialmente por isso que você fala de destoar da empostação a meu ver cretina da "fala culta" idealizada, fantasiada, uma coisa que nem existe na realidade do mundo real de verdade, a empostacão usada para esconder a confusão das ideias. O Garshagen também postou como exemplo de má escrita uma transcrição da reacão do escritor à crítca da Veja, que é um primor de sarcasmo. Sarcasmo é algo pouco compreendido por idealistas, pois entendê-lo requer uma agilidade da percep~cão que vai muito além da forma e penetra fundo no conteúdo para extrair algo que não está nem sendo dito. Não causaria espanto algum se esse Paulo, seja quem for, não entendesse direito o sarcasmo do 'nome sobrenome rg' acima, por exemplo.

Antonio Marcos disse:

26/09/07 - 10:10 am

33

A César o que é de César: o trecho no Palácio de Buckingham citado pelo Paulo é mesmo bem ruinzinho. Não dá pra defender aquilo não. [:P]

Juliana disse:

26/09/07 - 11:01 am

34

Olá nome sobrenome rg,

Não acho justo polarizar gosto em: sou cool e gosto de linguagem rascante e vernacular versus sou blasé e gosto de alta costura e brie. Acho que as pessoas podem gostar de representantes de um estilo e de representantes de outro, e ver qualidades em textos pelos próprios textos, não pelo status que eles representam.

Renata Miloni disse:
26/09/07 - 11:26 am
35
Concordo plenamente, Juliana.

nome sobrenome rg disse:
26/09/07 - 12:04 pm
36
Juliana, eu não fiz essa polarização. Aliás, precisei ler e reler e reler seu comentário e o meu pra tentar entender por que você achou que eu disse isso. Ainda não sei bem, mas chuto: eu li trechos da Adriana Lunardi e construí todo um personagem dela na minha cabeça; fiz uma brincadeira em cima disso; você leu minha brincadeira e construiu todo um personagem meu na sua cabeça. É, acho que foi isso. Tudo dentro da normalidade.
No mais, estou com o Antonio Marcos e o/a Senise em quase tudo que disseram aí em cima. Fazer prosa que flua tão naturalmente quanto a linguagem coloquial é difícil. Quem não escreve diálogos não enxerga isso, acha que é o contrário. É muito mais difícil escrever um texto natural do que emendar uma série de palavras supostamente poéticas ou eruditas em frases divagantes que não dizem muita coisa. Isso aí, qualquer escritor de e-mail edificante em powerpoint faz diariamente. Pelo que tenho visto a vida toda, quanto mais glacê, menos bolo.

clara lopez disse:
26/09/07 - 12:04 pm
37
Antonio, sua participação aqui tem sido muito interessante, do ponto de vista crítico: você escreve muito bem, seus argumentos são consistentes, interessantes e, como outros resenhadores, gosta do debate franco, gosta de trocar idéias, às vezes com gente que faça-me o favor. Fico tão impressionada com a paciência do Jó que vocês têm em explicar, justificar, argumentar, voltar ao mesmo assunto quantas vezes forem

necessárias. Essa Copa, dentre vários de seus méritos, tem feito muito pela literatura brasileira recente e muito mais pela crítica literária de qualidade, além de se constituir em espaço ímpar do exercício democrático da inteligência, de visões e opiniões diferentes sobre esse objeto comum de paixão - a literatura. Acho que ganhamos todos, inclusive os autores que não foram escolhidos, ao terem suas obras comentadas pelos melhores leitores.
Um abraço, e merci,
clara lopez

Renata Miloni disse:
26/09/07 - 12:19 pm
38
nome sobrenome rg, vou dar uma de papagaio e concordar com teu segundo parágrafo. Mesmo que o comentário da Juliana tenha, hum, fugido um pouco do que você disse, acho que é bem válido nessa discussão.
Clara, legal isso que você falou, mas o pessoal aqui é leitor que gosta de falar sobre

livros, não precisa dizer “melhores”. hehehe Isso que você disse de a Copa fazer muito pela literatura brasileira gostei também. As discussões que se abrem, quando não partem para a ignorância, são muito úteis sempre. Os comentários do Antonio são um exemplo disso mesmo.

Juliana disse:
26/09/07 - 12:45 pm
39
Ah, nome sobrenome rg, mas eu concordo com você, sim, eu sei bem que escrever diálogos é das coisas mais difíceis, concordo que frases que não dizem nada escondidas atrás de uma pretensa poesia são tristes de aturar. Só tenho medo de que esse tipo de discussão recaia (e foi o que entendi pelo seu comentário sobre a Lunardi) numa espécie de confronto ideológico que não tem a ver com literatura, mas sobre o estilo de vida do escritor: o erudito versus o pop, o degustador de vinhos versus o junkie, o acadêmico versus o que aprendeu na vida, etc. Disso eu tenho preguiça. Prá mim foi que foi isso que gerou a irritação quando o sant’ana veio com aquela de eu sou vanguarda

incompreendida. Porque pose não basta, nem pose de intelectual nem pose de rocker. Destituídas de conteúdo as duas são igualmente ridículas.

Dr Plausível disse:
26/09/07 - 1:05 pm
40
Antônio,
Tou contigo e não abro. Vc colocou aí, de passagem, e a NomeSobrenomeRg completou, uma coisa q achei central em tua apreciação de OPEBB: pelo q li do Sant'Anna até agora, é evidente q ele pressupõe e exige no leitor uma "voz interior" q reconheça o significado da **entonação** do q está em branco e preto no papel. Essa citação da A.Lisboa (e a quase totalidade de *Corpo Estranho*) tem uma entonação chapada, horizontal, e puxa o significado mais pelas palavras, suas limitações dicionarizáveis e suas contingências gramaticais. Pra ler coisas como essas do Sant'Anna é necessário conhecer uma *cultura*, não apenas sua língua.

Jonas disse:
26/09/07 - 1:49 pm
41
Quanta besteira.

clara lopez disse:
26/09/07 - 1:58 pm
42
Oi, Renata, o "melhores" ali vai no sentido de 'acertado', 'justo', e também para ressaltar o trabalho valioso dos resenhistas, acho que eles vêm-se mostrando os 'melhores leitores' porque têm sido generosos e disponíveis para seus leitores, acho bacana isso.
um abraço,
clara lopez

Dr Plausível disse:
26/09/07 - 2:26 pm
43

Jonas,
Uma atrás da outra. :•)

Rodrigo Sampaio disse:
26/09/07 - 3:06 pm
44
Não deu para entender, Antônio Marcos. Primeiro, você faz uma grande apologia ao falar informal na escrita e, depois, diz detestar o texto do Palácio de Buckyngham? Concordo, este texto é péssimo mesmo. Sendo assim, o tal do blogueiro que o criticou estava com a razão, uai! Precisa ver se o Sant'anna falou com estas vozes que ouviu o Doutor ou se não passam de uma pesquisa de vários falares chulos, fazendo soar um contraponto aparente e ineficaz, e que costuma a impressionar as pessoas ávidas por achar formalismos subjacentes. Acho que o uso de um registro popular ou culto é tão válido quanto for a capacidade do escritor em manuseá-lo, inda que se utilize de formas líricas, poéticas ou, até, pedantes. Tudo depende do talento de não machucar nossos ouvidos no fim de algumas páginas e nos encantar como uma voz de sereia. Velha ou de vanguarda.

Rodrigo Sampaio disse:
26/09/07 - 3:18 pm
45
Outra coisa: as cartas que Sant'anna enviou para o crítico da Veja foram de uma grossura que poucas vezes eu vi na vida em literatura. Ainda que tenham mostrado todo o espírito e inteligência do mundo, como notou comentarista aí acima. A inteligência sutil não avaliza um ataque pessoal.

marcus disse:
26/09/07 - 5:41 pm
46
curioso, achava que as pessoas não liam Veja, muito menos crítica literária em Veja, será possível algo deste tipo? que curioso alguém ficar incomodado com Veja, é quase como ficar revoltado por ter sido imitado pelo Tom Cavalcanti!

Rodrigo Sampaio disse:

26/09/07 - 6:03 pm

47

A contar pela fúria vulgar do Sant’anna, Marcus, ele deve achar que as pessoas lêem.

Rodrigo Sampaio disse:

26/09/07 - 7:03 pm

48

Doutor, dei uma lida no que eu disse há pouco e fui um pouco infeliz ao me expressar em seguida do que disse. Quando digo “que costuma impressionar as pessoas ávidas por achar formalismos subjacentes” não quis, absolutamente, me referir a você. Ficou mal explicado pra chuchu, me desculpe. Pelo que vc. disse até agora, nesta copa, dá para entender bem que não é, mesmo, seu caso. Abraço.

ludovico disse:

26/09/07 - 7:08 pm

49

Pelos trechos citados o Sant’Anna parece ruim porque, mesmo dentro desse estilo “caralho & porra” de escrever, ainda parece escrever mal.

André Sant'Anna disse:

26/09/07 - 7:30 pm

50

Olá amigos. Independentemente do resultado a favor de “O Paraíso…” fiquei muito feliz com as opiniões críticas do Antônio Marcos sobre o livro. Só não faço um agradecimento formal, porque agradecer ao juiz pode parecer suspeito. Mas fiquei mais feliz ainda com o fato de o Paulo ter levantado a bola sobre a armadilha que o Garshagem preparou para mim no blog dele. Jamais responderei a qualquer crítica literária, contra ou a favor, de um livro meu. Mas, nem a Veja, nem o Garhsagen, fizeram crítica literária. Eles saíram me ofendendo - o Jerônimo Teixeira me chamou de débil mental, o Garshgen mandou que eu vendesse laranjas na feira, e houve comentários no blog falando em morte, em pelotão de fuzilamento e coisas do gênero. Daí que perdi a cabeça e tentei dar o troco. O Garhsagen censurou meu s comentearios no blog dele, reuniu todos fora de contexto e os publicou de uma só vez, sem mostrar a que post eu estava respondendo. Ou seja, me usou para tirar uma onda de crítico

literário. Pura covardia. Não sei se mereço ou não ser considerado bom escritor, mas, sinceramente, não sou uma trolha. Estou cansado de ser ofendido por escrever livros. E outra coisa: quem me chamou de “vanguardista”, “transgressor” etc., foi o Jerônimo Teixeira, pelo fato de eu ter cedido um conto para antologia Geração 90, responsabilidade do Nelson de Oliveira. É engracado que o Garsahgen me mande vender laranja na feira, censure a minha resposta no blog dele, para depois eu ser acusado de ter fúria vulgar. Mas, de fato, estou falando demais, dando munição aos agressores. Mas quem não me conhece pessoalmente não tem o direito de sair me xingando por aí. Obrigado, abraços, André.

André Sant'Anna disse:
26/09/07 - 7:34 pm
51
P.S.- Não escrevo muito bem, não. Quem escrevia bem era o Ruy Barbosa.

tiago a. disse:
26/09/07 - 8:18 pm
52
Já que você apareceu, André, deixa eu aproveitar pra dizer Olá (Olá!) e te perguntar uma coisa: por que a resposta ao Jerônimo Teixeira demorou tanto pra vir?

André Sant'Anna disse:
26/09/07 - 9:12 pm
53
Oi, Tiago. Na verdade, não foi uma resposta à pseudo-crítica do Jerônimo Teixeira. O Rascunho me encomendou um texto sobre crítica literária. Então, quis fazer uma ironia a esse tipo de maldade que a Veja faz com as pessoas, fazendo um ataque pessoal, como a revista faz às pessoas. Eu nnao escrevi uma resposta à Veja porque eles fazem pior do que o Garhsagen. Eles colocam a sua resposta bem miudinha nas cartas do leitores, com um quadrado cinza enorme ao redor, ofendendo ainda mais a quem respondeu. Fora aquela sacanagem toda de acusar os escritores de querem viver às custas do governo, quando na verdade, snao raríssimos os casos de escritores que ganham algum dinheiro com literatura. E mais, a Veja nnao crítica um disco do Milton Mascimento, mas chamam o cantor de bêbado. Nnao há crítica aos programas da Regina Casé, mas ela é

gorda, velha etc.. Pelo que escreveu o jerônimo Teixeira na Veja, ele sequer leu o livro que estava resenhando e tal… Mas reconheço que fui um otário completo ao responder àquele ataque do Garsagen. E fiquei mal mesmo com tudo isso que o pessoal têm escrito sobre mim no blog dele. Por mais que eu saiba que isso acontece quando a gente vai ficando conhecido, por dentro, o coração dispara. Nnao sou de forma alguma uma pessoa que sai por aí bradando vanguardices, atacando tradições, me indispondo com os outros. Quem me conhece sabe que sou tímido, que não falo palavrões, nem nada disso. Por exemplo, aquele trecho cheio de "porras e caralhos" é de um personagem bêbado que escrevo para um site de bêbados - http://www.tulipio.com.br . Não é literatura, é brincadeira. E mesmo nos meus livros, a coisa toda de sexo e escatologia que há é até bem moralista, uma crítica a essa obrigação que a sociedade vem impondo de que devemos ter uma vida sexual cheia de extravagâncias e posições sexuais diferentes. Sou casado a 17 anos, heterossexual e monogâmico. Mas, por ter escrito isso que acabei de escrever, é possível que os homossexuais saiam me atacando por aí. Que nem o negócio da "vanguarda". Bom, me desculpe, mas estou usando você para desabafar. Mas desço do pedestal para dizer que desejarem a minha morte pela internet, ou me ameaçarem com sopapos, como esse Paulo aí fez no blog do Gahsagen, me faz mal mesmo. Me desculpe.

Abraço,

André

ludovico disse:

26/09/07 - 9:12 pm

54

Disse uma verdade, o Ruy Barbosa escrevia bem mesmo.

tiago a. disse:

26/09/07 - 9:19 pm

55

Ah, sim, também tem uma outra coisa. O texto da Veja que começou a confusão toda foi esse aqui?

http://veja.abril.com.br/010306/p_094.html (ó, marcus, eu leio Veja)

Porque se foi, eu lembro que esse texto deu mesmo o que falar na época, ano passado. Na época em q li teu texto no rascunho só lembrava dele, então fui relê-lo pra ver onde que tava a ofensa.
Acontece que lá–não precisa ler, basta dar ctrl+f–a palavra débil mental nem aparece. E mesmo lendo efetivamente, eu não consigo ver onde foi que ele te chamou disso.
Então quando li tua réplica, em que você diz que o cara te chamou de débil mental (coisa que vc repete aqui nos comentários), eu meio que fiquei sem entender nada, achando q vc partiu pro ad hominem, assim, sem mais, nem menos.
Mas também pode ser que a versão on line não seja fiel ao que saiu no papel, tal.

Rodrigo Sampaio disse:
26/09/07 - 9:40 pm
56
Bom, de minha parte, André, que fui o responsável pelo "fúria vulgar", não nego que fiquei um pouco admirado que pessoa com seu nível intelectual tivesse escrito naqueles termos, mas, também não nego que eu tive várias fúrias vulgares na vida, em circunstâncias difíceis, e me arrependi depois. Olha, não justifico, mas entendo que às vezes a gente passe do limite e parta para o pessoal, embora nunca, nunca devêssemos agir como tal. De minha parte, quero lhe dizer que fiquei bem convencido de que estou lidando com pessoa de bom nível, não só intelectual, pelo o que acaba de dizer. Só lhe digo uma coisa, quando a gente produz algum trabalho artístico, tem que dar a cara para bater, não tem jeito. Sei que é difícil, mas, olhe, muita gente boa está falando de você, meu caro. Eu, por exemplo, ainda não tive a mesma sorte. Também gostaria que os cobrões que comentam aqui estivessem me desancando, se você quer saber. Nunca irei chegar lá, porque meu trabalho é mais popular que o seu (deliberadamente popular). Só estou aqui, para aprender um pouco com eles e, de vez em quando, dou meus pitacos desajeitados. Agora, meu amigo, se você soubesse as enxovalhadas que já tomei dessa turma mais inteligente, iria ver que vender laranja na feira é um elogio. Desculpe-me, eu me estendi demasiado. Aceite aqui minha solidariedade e continue escrevendo. Bem e sereno.

Paulo disse:
26/09/07 - 9:41 pm
57

Andre Sant’Anna, eu jamais ameacei você ou seja quem for de violência física, e jamais ofendi você pessoalmente. Eu chamei você de escritor medíocre. E chamo de novo: medíocre. Você enquanto pessoa não me interessa; acredito mesmo que você deva ser uma pessoa maravilhosa, mas ainda que fosse um crápula isto não me interessaria. Eu falo da sua prosa. Você é um escritor me-dío-cre. Isto não é defeito congênito incorrigível: estude muito, leia os melhores (comece por Ruy Barbosa), treine, e talvez você melhore, quem sabe chegue a ser um bom ou ótimo escritor. Mas não queira empurrar-me essa droga de literatura que você faz e ainda revelar susceptibilidades de moçoila frágil e indefesa.

André Sant'Anna disse:

26/09/07 - 9:54 pm

58

Estou cansado disso tudo, Tiago. É, o Jerônimo Teixeira não me chamou de débil mental. Ele disse que o Mané, meu personagem meio débil mental, seria como um dos autores da Geração 90 - ou coisa parecida. Ele disse também que nós - “trangressores” escrevemos com desleixo e somos beletristas, como se as duas coisas pudessem conviver. Quanto ao trecho do Palácio da Rainha, que o próprio antônio marcos falou que era ruinzinho, era só um trecho. Mas, o conto todo se tratava daquela lenda que dizia que os Beatles fumaram um baseado no banheiro do paleacio etc. etc. etc. Era um papo bobo de adolescente fumando maconha e dizendo besteira. O Garschagen só pegou um pedaço. Era um texto também para um site de músicos, sem nenhuma pretensão. Mas estou cansado mesmo. Ache o que quiser, diga o que quiser. É por isso que caras como o Dalton Trevisan e o Rubem Fonseca não dizem nada, enquanto eu estou dizendo demais. mas eu queria saber de você: aquilo que saiu na Veja é uma crítica literária?

André Sant'Anna disse:

26/09/07 - 10:16 pm

59

Certo, eu mereço. Respondi e mereço. Paulo, tudo bem, então não foi você quem me ameaçou com porrada. mas alguém ameaçou. mas o jeito como você fala comigo é muito desrespeitoso e nnao se trata de literatura. Rodrigo, a expressão “fúria vulgar” me incomodou, sim, porque o Garschagen manipulou os meus posts e os meus textos que

encontrou na internet. Tiago, peço a você que leia com atenção o texto do Jerônimo Teixeira na Veja e repare como é maldoso. Aliás, repare como a Veja é maldosa até quando ataca pessoas que você não gosta, seja na literatura, na política e, principalmente nas cartas. E me perdoem. Fiquei feliz quando vi que o que aconteceu no blog do Garschagen veio parar aqui, pois, aqui, eu teria a possibilidade de me defender, coisa que o Garschagen me impediu de fazer no blogue dele. Mas acho que fui longe demais e errei de novo ao tentar me defender e acebei estragando a minha própria alegria pela vitória na partida da Copa. Que pena!
abraços,
andré

marcus disse:
26/09/07 - 10:21 pm
60
Paulo nunca ofendeu o André. Paulo é muuuito curioso, verdadeiro caso de estudo. Termina seu comentário com "moçoila frágil e indefesa".
E claro como comentarista ele é muito mais que medíocre. Mas como não sou Paulo, vejamos:
Ele nunca apresenta qualquer argumento - chamar alguém de medíocre não é argumento - é mediocridade - e dividir as sílabas das palavras não ilumina a frase, mas demonstra falta de capacidade para expor idéias.
Recomenda que estude muito e leia os melhores… mas qual o defeito do André? Não consegui perceber. além de ser "moçoila frágil e indefesa", o que mais? (Aliás, o fato de ser "moçoila frágil e indefesa" não impede ninguém de escrever bem, acho que no grande "OS Detetives Selvagens" deve haver uma categoria para "moçoila frágil e indefesa" - claro que ali todos são bichas, se é que vocês me entendem).
Mesmo que Paulo continue a ignorar o que lhe é questionado(medíocre onde? como?por que?)
Não sei quem é o Paulo, ou se Paulo é Paulo mesmo. Não sei o que ele pretende, uma vez que demonstra tanto biliosidade em meio a evento que deveria ser leve e bem-humorado. Não tem nem prêmio. Tanta coisa mais interessante na vida e no meio literário.
****

Os livros do André podem ser uma bosta - a maioria dos livros o são - mas isto não é o importante. Por que atacar alguém que escreve mal? Qual o problema com isto, além deste que escreve e do Paulo, quase todos que aqui comentam escrevem MUITO mal, e daí? Na ABL, quase todos também escrevem mal, muitos dos ganhadores do Nobel, do Man Booker Prize, do Pulitzer, do Pen-Faulkner, do Jabuti, e daí?
De onde vêm os ataques gratuitos? O que as pessoas querem com isto? Promoção? Exercício da própria vilania? Esconder seus próprios defeitos e inseguranças? Não sei.
Mas gostaria que no lugar disso houvesse um pouco mais de generosidade. Ser generoso não é ser bonsinho, elogioso - babão. É ser honesto, mesmo que apenas honesto com suas próprias convicções, é mais que suficiente.
Lamentável.

marcus disse:
26/09/07 - 10:24 pm
61
A existência de Veja devia ser ignorada.
Tiago, eu lhe perdôo (fui atacado por um espírito cristão-decadente, senão convocaria uma Cruzada para exterminar os ímpios).

tiago a. disse:
26/09/07 - 10:31 pm
62
André,
Se o que tá no site tá fiel ao que saiu no papel, ele não disse "que o Mané, [t]eu personagem meio débil mental, seria como um dos autores da Geração 90 - ou coisa parecida". Ele disse, e eu cito, que:
"O jogador de futebol Mané, herói do recém-lançado romance O Paraíso É Bem Bacana (Companhia das Letras; 452 páginas; 51 reais), poderia ser o personagem-símbolo da geração literária a que pertence o autor do livro, André Sant'Anna – ou pelo menos do grupo de dezessete escritores que figuravam em uma coletânea lançada em 2003 com o título de Geração 90: os Transgressores."
Eu acho que vc enxergou mais do que tinha lá. Mas enfim. Se até mesmo eu não tenho mais saco pra esse tipo de papo, eu imagino você, então, que tá no meio do furacão. Mas fica na paz, fica calmo, tem uma galera na internete que é meio freak mesmo.

À parte que me toca: pra responder de verdade à sua pergunta, antes seria preciso a gente chegar num acordo quanto ao que seja crítica literária. E não sei se o lugar e a hora pra fazermos isso é aqui e agora. De todo jeito, eu te digo que eu li aquele texto de Jerônimo Teixeira como apenas mais um exemplo de texto que sai na Veja, ou em qualquer outro semanário daqui, falando de literatura. É sempre, no máximo, um aviso: ói, saiu tal livro, custa x. O espaço é sempre tão minúsculo que só o que dá pra fazer é um resuminho do plot, dar a notícia do preço, dizer umas três coisinhas desimportantes e pronto, acabou. O que é muito triste né. Principalmente qdo você olha pra imprensa de lá de fora, dos EUA, tal. Dá até uma dorzinha.

marcus disse:

26/09/07 - 10:52 pm

63

Tiago, discordo, fora a falta de qualidade, não conheço qualquer outro veículo que use de tanto veneno, tanta gratuidade e celebração da burrice quanto Veja. Lembro que há muitos anos atrás deixei de ler Veja quando, em uma resenha de umas vinte linhas no canto da página, algum dono da verdade criticou um texto, apenas para dizer que a autora fazia masturbação epistemológica. Era fácil perceber que o texto foi construído apenas para encaixar esta pérola. Me poupem.

marcus disse:

26/09/07 - 10:55 pm

64

e não dá qualquer dó olhar para a imprensa lá de fora, é constatação fácil que o espaço para a crítica literária quase desapareceu dos grandes veículos, é verdade que existem revistas especializadas, porém mesmo estas vêm cada vez mais “diversificando” seus espaços. Como diria o velho Bloom, vivemos uma nova época de obscurantismo.

Antonio Marcos disse:

26/09/07 - 11:39 pm

65

Putz, é tanta coisa que nem sei por onde começar. E tenho que trabalhar ainda hoje, então terei que ser breve.

Jonas, seu único e brevíssimo comentário me deixou algo perplexo - “mystified” é uma boa expressão pro que experimentei. É mesmo o caso de você estar cuspindo no prato em que come, e qualificando como besteira a conversa sobre literatura tout court? Duvido. Quer oferecer algo mais, ou prefere exercer o seu direito de permanecer em silêncio (tendo, é claro, falado já um pouquinho)?

Antonio Marcos disse:

26/09/07 - 11:44 pm

66

PS Jonas: fiz a pergunta de boa-fé: não é uma provocação, mas fiquei de fato intrigado com o comentário.

PS geral: Conheço bem poucos aqui, e não tenho histórico de animosidades com ninguém. Vou tentar continuar assim, e reduzir a voltagem e a freqüência do ad hominem.

Antonio Marcos disse:

27/09/07 - 12:05 am

67

Rodrigo, vc disse:

“Não deu para entender, Antônio Marcos. Primeiro, você faz uma grande apologia ao falar informal na escrita e, depois, diz detestar o texto do Palácio de Buckyngham? Concordo, este texto é péssimo mesmo. Sendo assim, o tal do blogueiro que o criticou estava com a razão, uai!”

Mas isso é um non sequitur. Mantenho o que disse: aprecio esse exame da fala etc que vejo no Sant’Anna. Em O Paraíso acho que ele faz isso bem, acerta a mão em muitos, muitos momentos. Isso é uma coisa.

Outra coisa é extrair daí que gosto de tudo que tenha essa natureza, ou de tudo que venha do Sant’Anna. Que generalização é essa? Aquele textinho achei que não funcionou - conhecia a história dos Beatles no banheiro (ou seja: tinha o contexto prévio necessário), mas não gostei, não acho que tem cola, não acho que pegou direito. E daí? Até um autor da estatura de Faulkner tem altos e baixos, momentos que julgamos soberbos e outros que julgamos triviais. Ou no caso do Sant’Anna pai: coisas lapidares (Ralfo, O concerto de JB), coisas triviais (Srta Simpson), coisas ruinzinhas mesmo (o do Espírito, um de poemas que achei lamentável).

Por fim, uma coisa bem diferente é dizer que sou coagido a concordar com o blogueiro

que desceu a chulapa. Non sequitur, meu velho - tente outra
Tendo dito isso, devo dizer tb que concordo totalmente com isso que vc diz:
“Acho que o uso de um registro popular ou culto é tão válido quanto for a capacidade do escritor em manuseá-lo, inda que se utilize de formas líricas, poéticas ou, até, pedantes. Tudo depende do talento de não machucar nossos ouvidos no fim de algumas páginas e nos encantar como uma voz de sereia. Velha ou de vanguarda.”
Muito preciso e bem dito. Creio nisso - embora, na hora do vamo vê, minha inclinação seja quase sempre a escolher a tendência mais coloquial. Mas não é um absoluto, não se trata disso, de escolher lado (tipo “estilo André Sant’Anna” versus “estilo Lunardi” - pra pegar carona no que já foi dito aqui sobre o estilo dela). E embora seja sempre bom

lembrar que a música de um é o ruído do outro.

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 12:11 am
68
Paulo: muito ad hominem, nenhum argumento, seu futebol foi feio, e ficou parecendo que você é um grande perna-de-pau.
Vc fica batendo o martelo do juízo final dizendo que o cara é medíocre, mas cadê o algo mais? Discutir gosto é discutir alguma coisa: você está, supostamente, declarando fatos. Aí tá por fora - no minimo porque a conversa acaba. Vou ter de dar razão ao Marcus.

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 12:14 am
69
André: achei legal vc dar as caras por aqui - que me lembre, é o primeiro autor a se manifestar aqui na Copa, e isso é muito legal, propiciador de mais conversa e tal. Ou melhor, seria, poderia ter sido, etc. Porque, de fato, entrar nessa queda-de-braço? Putz.

André Sant'Anna disse:
27/09/07 - 12:28 am
70

Valeu, pessoal. De fato, fiquei nervosinho além da conta. Todos os manuais recomendam não responder aos seres inferiores que nos atacam. Eu sou o “glorioso escritor”, enquanto Veja, Garschagen etc. são os caluniadores. Mas ainda me sinto como se eu estivesse andando pela rua e, de uma hora para outra, um desconhecido tenha cuspido na minha cara. Há pouco, viajei com o Rubem Fonseca para Israel, achando que ia encontrar um cara meio fechadão, carrancudo, e encontrei uma pessoa maravilhosa, ser humano da melhor qualidade, inteligente, culto etc.. E isso vale mais do que toda a literatura do mundo. Mas, o pior, é que o Rubem Fonseca é um escritor da maior importância, cheio de obras-primas no currículo. Então, por mais que um ou outro livro esteja abaixo dos outros, o Rubem Fonseca será sempre o Rubem Fonseca. Se é para fazer críticas a ele, que sejam críticas mais profundas. Não é o meu caso. Comecei a escrever ontem e nem podia imaginar que alguém, algum dia, fosse me chamar de escritor. Então, quando esse Paulo aí me chama de escritor M-E-D-Í-O-C-R-E, nem parece que está falando com um André Sant’Anna escritor. Mas não consigo entender porque o cara tem tanto ódio assim. Provavelmente, tudo que ele leu de mim foram os trechos recortados e selecionados especialmente pelo Gaschagen para me sacanear. E também não entendo por que o garschagen tem tanto ódio de mim. Claro, o lance que escrevi sobre o Mário Sabino e o Jerônimo Teixeira incomodou. Mas por quê? Será que eles são duas criaturas indefesas, sendo agredidas por alguém tão poderoso quanto o “jovem escritor de vanguarda, experimental, transgressor aqui? Como eu gostaria de algum dia poder debater isso diretamente com eles. Mas eles são bem mais inteligentes do que eu e não respondem a provocações. Estão certos. Eu respondo porque estou mesmo triste, como uma “moiçoila indefesa”, desesperado, querendo esquecer que li o que acabei de ler por aqui. Mas não consigo. Alguém aí falou em generosidade. O problema é que generosidade é uma coisa piegas, como o amor, a amizade e o respeito humano. E claro, o meu chorôrô também é. Mas volto a afirmar: eu apenas escrevi alguns poucos livros, provavelmente por vaidade, por necessidade de ser alguém especial, mas, apesar disso, creio que nunca fiz mal a ninguém e me incomoda, sim, ser ofendido à toa, apenas porque um cara colocou no blog dele que eu devo ser eliminado da paisagem. Não vou ser eliminado, com certeza, mas reconheço a vitória da Veja e do Garschagen. Mesmo que eu esteja vencendo algumas paradas literárias - e conseguir publicar 4 livros já é uma grande vitória - vou dormir meio deprimido, só porque um Paulo anônimo me chamou de medíocre, como uma moçoila. Mas, reafirmo aquele meu texto medíocre: Literatura, o caralho. Só mais uma coisinha: quando falei que o Ruy

Barbosa escrevia bem, não era uma ironia. Quando falei que sou escritor de vanguarda, jovem, experimental, transgressor, era.
Abraço,
André

Oº°'¨ Jefferson ¨'°ºO disse:
27/09/07 - 12:50 am
71
O meu dicionário acha o Ruy Barbosa enfadonho.

André Sant'Anna disse:
27/09/07 - 12:51 am
72
Antônio Marcos, de forma alguma vou entrar em queda de braço com você. Como acabei de escrever sobre o Rubem Fonseca, não vou exigir que todo mundo adore tudo o que escrevo. Respeito o fato de você não ter gostado de Amor. Isso é assim mesmo. Tem muita gente que gosta de Amor e não gosta de Sexo, que gosta do Paraíso e não gosta dos contos e vices e versas. Mas é que o tal do Garschagen me deixou mal mesmo. E isso não tem nada a ver com literatura. Tem a ver com agressividade gratúita. Aquilo que eu disse no e-mail anterior: é como levar uma cusparada na cara de um desconhecido na rua. Eu mesmo fico de saco cheio de muitas das coisas que escrevo. Por exemplo, gosto do texto completo dos Beatles no palácio, mas não gosto muito do bêbado das porras e dos caralhos, que fiz meio na pressa para botar no site. E por aí vai. quanto ao fato de eu ser o único a ter comparecido para o debate, isso se deve ao fato de que não é recomendável mesmo, aos autores, falarem de si mesmos. A probabilidade maior é a de acontecer isto que está acontecendo comigo: tomar um monte de porrada e ainda passar por alguém arrogante, que não admite críticas. E olha que o quer você escreveu sobre o Paraíso foi um grande carinho para o ego. Claro que uma crítica negativa aprofundada pode até causar tristeza, mas com o tempo, se forem bem refletidas e assimiladas, ajudam a melhorar alguma coisa no que se escreve. Mas esse negócio do cara ir te chamando de qualquer coisa, gratuitamente, só pelo prazer do linchamento, ainda não me acostumei. Mas é isso aí. Já está tarde. Quem sabe, outra hora, a gente continua o papo. E, claro, fique à vontade para não gostar do que não gostar. E, se quiser, também podemos discutir nossos gostos.

Abraço,
André

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 12:54 am
73
Mas André, assim é sacanagem: eu encho a bola do livro e você vem e pimba: dá mais valor a rusgas passadas (seu vale tudo com o Bruno) que a glórias presentes (seu dez a zero no Braga). Ah, gol contra!
Mais a sério, que tal falar um pouco da Copa? Será que vc não queria contar um pouco - fora do esquema da querela com o Bruno - sobre como foi a experiência de, como autor, saber que estava num jogo, sobre a expectativa etc? Isso poderia ser legal, acho.

André Sant'Anna disse:
27/09/07 - 12:55 am
74
Porra, caralho, parece que acabei de sair de uma sessão de psicanalise.

André Sant'Anna disse:
27/09/07 - 1:00 am
75
Claro, Antônio. Amanhã, escrevo com mais calma. Acho que vou ter um dia mais ou menos tranquilo no trabalho. É que eu estava todo feliz com o resultado, lendo os comentários etc. e aí apareceu o Paulo me agredindo, me fazendo lembrar do site desse Bruno, o qual demorei várias semanas para tirar da cabeça. Mas você tem razão. Vou parar com essa história.
Abraço,
André

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 1:01 am
76
Jeff: eu tb não invisto meus tostões em Ruy Barbosa não. Nem sinto vontade de chegar perto.

Antonio Marcos disse:

27/09/07 - 1:03 am

77

André: beleza, amanhã será um outro dia. Mas não: já é. [:)]

Oº°'¨ Jefferson ¨'°ºO disse:

27/09/07 - 1:04 am

78

NOTÍCIAS DO "SHOW ESPORTIVO" DE AMANHÃ:

Depois de vários jogos nesta Copa, o primeiro técnico a ceder uma entrevista não falou nada da escalação de seu time nem da sua atuação, nem porque resolveu escalar o Mané ao invés do Ílvison Cleydson que a torcida tanto queria, mas somente defendeu-se dos críticos que insistem que ele deveria ser mesmo era massagista. Como nem os críticos, nem o técnico nem o massagista gostaram das respostas, tudo terminou como começou. Esporte é isso minha gente: nem sempre o show continua após a partida. Mas que o jogo foi um chocolate, isso foi.

Stephen Kempelson disse:

27/09/07 - 9:42 am

79

Nisso tudo só discordo de uma coisa: Ruy Barborsa não escrevia bem. Era um chato pachorrento. E odeio ípsilons.

Já disse e repito: a resenha do Antonio Marcos é brilhante. Jerônimo Teixeira e outros deveriam fichá-la, marcar os melhores trechos em caneta florescente e chorar na cama por serem incapazes de escrever algo assim. Mesmo a crítica ao livro "Zveiter", apesar de dura, é bem fundamentada e argumentada.

Claudio disse:

27/09/07 - 9:51 am

80

Me lembro da história citada mais acima pelo marcus: o texto da Veja referia-se ao livro "Clarice, Uma Vida Que Se Conta", de Nádia Battela Gotlib. Me lembro disso porque foi um episódio espantosamente agressivo, groseiro, pessoal, e que gerou um monte de

cartas de protesto. Por sinal, eu li o tal livro e, apesar de não tê-lo achado nenhuma maravilha, é até interessante. Já fui “viciado” na Veja. Hoje a considero asquerosa.
Sobre a celeuma toda, minha humilde opinião é a seguinte: viva a sinceridade - até certo ponto. Podem até falar mal dos que preferem os “bonzinhos”, mas não é esse o meu caso. Apenas acho uma clara demonstração de incapacidade não ser capaz de aliar essa sinceridade à educação. Não vejo justificativas para que se ofenda um autor de livros por não gostar de seu estilo (”porra&caralho”, como bem disse alguém lá em cima) ou da obra em si. Mas penso que atualmente seja mais “muderninho” ter esse tipo de atitude, então…
Outra coisa que me incomoda nos críticos em geral é a soberba, a empáfia, a suposição de que possuem a palavra definitiva sobre determinada obra e pobre de quem não compartilhe da sua opinião: é um simplório, um cego, um idiota.
Muitos escrevem muitíssimo bem, como o Garschagen, o Polzonoff e outros tais. E visitamos seus blogs e lemos suas críticas porque queremos, nada nos obriga. Não vejo contradição nisso. Mas sei que é possível escrever bem, limpidamente, com naturalidade, elegância… sem baixar o nível. Um exemplo claro disso é o Leandro Oliveira, um dos jurados dessa Copa, e cujo blog a meu ver só tem um defeito: a demora em ser atualizado.
O

Stephen disse:
27/09/07 - 10:07 am
81
Engraçado… voltei aqui só pra dizer isso, já estava fazendo meu café. Essa discussão autor x crítico me lembra o duelo entre Arturo Belano e o crítico em Detetives Selvagens. Talvez seja por aí. Precisamos ser mais primatas e menos iluministas. Tem uns caras, tipo esse Jerônimo Teixeira, que só no duelo.
Agora, imagine se o autor de “Zveiter” - que, convenhamos, é um bom nome pra psicanalista - chamá-lo para um duelo, Antonio Marcos? Tomara que ele não tenha lido Detetives Selvagens.

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 10:28 am
82

Caro Stephen, ser chamado para um duelo por um oponente de valor é um mérito, um upgrade na biografia. Mas, como quem chama confere ao que foi chamado o direito de escolha de armas, eu certamente iria optar por pistola de água ou estilingue de mamona. Aquele duelo no Bolaño é muito, muito legal mesmo (e, que eu me lembre, a convocação ao duelo precede a publicação da crítica, não é mesmo?). Boa lembrança. E boa coisa quando a conversa entre autor e crítico pode acontecer como um espetáculo de esgrima argumentativa. Ou mesmo, como se tenta fazer aqui, como um jogo de futebol.

Antonio Marcos disse:

27/09/07 - 10:40 am

83

Claudio: suas observações foram muito boas, privadas da febre que caracterizou manifestações anteriores. A Veja é, acho eu, desprezível - assim como, para citar um exemplo no mesmo campo semântico, são os textos do Diogo Mainardi. Mas eu já li a Veja, ainda leio às vezes; eu já li o Mainardi, e até gostei do Malthus. Quem nunca mudou de opinião, que atire a primeira pedra - em si mesmo, pois está precisando de uma sacudida.

Tb acho surreal a atitude de "soberba, a empáfia, a suposição de que possuem a palavra definitiva sobre determinada obra e pobre de quem não compartilhe da sua opinião: é um simplório, um cego, um idiota"; fico pensando em qual situação esses traços morais são positivos. O mundo acadêmico, que é o mundo no qual circulo profissionalmente, é tão cheio de soberba e de pessoas que se levam demasiado a sério: a Gaia Ciência é, definitivamente, um projeto demodê.

André Sant'Anna disse:

27/09/07 - 10:45 am

84

Oba. Bom… Voltei para dar satisfações ao Antônio Marcos… Sim, estou meio arrependido de ter reaberto esta polemicazinha com o Garschagen. Nem dormi à noite, mas ainda não me acostumei a ser agredido pessoalmente por um trabalho que fiz. Mas, voltando à Copa da Cultura: quando li os comentários da primeira partida "Mamãe X Mãos de cavalo", pensei: estou fodido nessa copa. Li e gosto do livro do Galera, não li, mas acho que vou gostar do livro da Cínthia, j[a que pessoas com quem compartilho gostos literários falaram muito bem do livro. Mas aquele negócio de criticar o

“coloquial” no livro do Galera foi lamentável. O exemplo citado era algo como “eu vi ele”, quando a norma culta diria que o certo é “eu o vi” (não foi exatamente isso, mas algo do gênero). Só que, se o personagem do Galera falasse “eu o vi” seria totalmente falso. Como escrevo muito na primeira pessoa e vivo recebendo críticas por “bancar o moderninho, transgressor”, subestimei a capacidade do Antônio Marcos de entender a coisa. E, quando vi que o Garschagen era jurado e que, obviamente, se fosse jurado do meu jogo, tentaria de todas as formas me punir pelo texto “mal escrita”. Em “O Paraíso…”, o principal desafio que me impus foi o de elaborar a melodia do Mané, que teria insigts profundos sobre a vida, a morte, o sexo etc. etc., mas com um vocabulário reduzidíssimo. Da mesma forma, quis dar a cada personagem do livro uma melodia diferente, um jeito pessoal de falar como cada um de nós o tem. Outra coisa relativa à linguagem era o modo como os personagens alemães do livro falariam “alemão em português”. Se repararem bem, quando a fala é dos alemães, a linguagem é canhestra, esquemática e correta. No alemão, não há muito disso de “falar errado”, a não ser em casos de ignorância total. Mas o Antônio compreendeu tudo. Fico constrangido ao dizer que o crítico que elogiou meu trabalho estava certo. mas não se trata de elogio. Se trata de eu ter conseguido cumprir minha meta e os comentários do Antônio Marcos, que foi honesto ao explicar detalhadamente o porquê de seu voto, são, para mim, o melhor sinal de reconhecimento. E isso é o melhor da Copa: os jurados serem obrigados a expor seus pontos de vista e não só dizer “isso é bom”, “isso é ruim”. Mas, claro, o resultado é sempre a opinião de uma pessoa só. Se o jurado fosse outro, talvez o Paraíso é que perdesse de goleada. De qualquer forma, a Copa é mais uma ótima oportunidade de discutirmos idéias e literatura. Deixando de lado a Veja, fico feliz outra vez. E bola pra frente.

Renata Miloni disse:

27/09/07 - 10:56 am

85

Ainda isso? Que coisa.

André, bom, como autora da resenha que você citou, eu poderia ter dado outros exemplos de erros do livro do Galera, mas preferi não “preencher” a resenha com isso. Outras coisas me pareceram mais importantes. E não foi fala de personagem: foi escolha dele naquele momento, oras, eu só não concordei porque em outros trechos do livro ele escreve “corretamente”. Aquilo não foi questão de caber na hora, pois em vários outros

momentos cabiam erros como esse e ele preferiu escrever “da forma correta”. Então boa parte do livro é “falsa”? Enfim, acho que esse assunto já deu, já insistiram demais nisso. Parece que o que eu escrevi foi só um parágrafo, eu hein.
A discussão aqui sobre o teu livro (e as outras que surgiram) está ótima, não tem tamanha necessidade de citar algo que já passou e eu expliquei incansáveis vezes.
É isso. Espero que você continue comentando por aqui não só nesse jogo.

Anatevka disse:
27/09/07 - 11:09 am
86
As pessoas voltam a esse ponto, Renata, porque você mandou mal. Só isso. Convenhamos…

Renata Miloni disse:
27/09/07 - 11:12 am
87
Não é questão de “mandar mal”. É questão de não saberem lidar com opiniões diferentes, só isso. Minha opinião não é a maior e melhor do mundo, não precisa ficar insistindo porque, já que “mandei mal”, não era pra fazer a menor diferença. Se o livro do Galera tivesse vencido o meu jogo, a coisa seria diferente.

Rodrigo Sampaio disse:
27/09/07 - 11:56 am
88
Na minha opinião, Renata não mandou mal coisa nenhuma. Pelo contrário. Falou coisa muito certa. Se o narrador opta por uma correção gramatical, tem que obedecê-la até o fim, ora. Se optou pela mesóclise, siga-a. Se optou pela elipse do pronome, vá até o fim. Renata falou do narrador e não das personagens, notem. Sant’anna optou por nuaces narrativas de suas personagens e as seguiu, segundo me parece.

Marco Polli disse:
27/09/07 - 12:33 pm
89

O tema do coloquialismo sempre volta, e não só aqui na CLB. Parece ser um nervo sensível aos concidadãos.

Do meu lado, não gosto do argumento que diz que o coloquialismo é bom apenas porque é mais colado à realidade. Isso implica um visão naturalista da literatura (ou retratista) que me dá calafrios. No fundo, tudo na literatura é artificial, desde do fluxo de consciência de Joyce aos diálogos do Nelson Rodrigues, embora eles possam soar autênticos - em certos momentos, para alguns. Um contra-exemplo aqui da CLB: o romance do Sérgio Rodrigues consegue um bom diálogo com a realidade brasileira justamente por se afastar do registro naturalista.

Porém, claro, o coloquialismo pode ser interessante, bem usado e gerar um texto com vivacidade. E acho que é isso o que o meu caro Antônio Marcos pensa do livro do Sant´anna. Eu não li a obra, mas vim aqui motivado pela discussão estética. Espero que possamos ter mais discussões desse tipo aqui e nos outros jogos. Abs.

Stephen disse:

27/09/07 - 5:08 pm

90

Que coisa mais modernista, ficar discutindo coloquialismo. Não superamos essa fase ainda? Rodrigo fala em optar pela mesóclise. Se mate, quem optar pela mesóclise! Mesóclise não é opção, é aberração. (Lembro de um texto da Hilda Hilst sobre isso, em que a narradora se tranca por três dias num quarto depois de "cometer" uma mesóclise). Se o pronome está antes ou depois do "que", faça-me o favor, ou me faça o favor, ou faz favor. Até o professor Pasquale considera tudo isso uma bobagem. E exigir coerência do narrador… Isso me lembra o Dunga argumentando que o Ronaldinho Gaúcho é reserva do Elano por coerência. Então tá.

Concordo com o Polli. Tudo é uma questão de uso, de adequação, conveniência, estilo. O livro do Galera é bom, achei que fosse mais longe na Copa. A "incoerência" da linguagem do narrador não me incomodou, tampouco o cometário da Renata, que sinceramente passou despercebido na minha leitura. Me incomodou — ou melhor, "incomodou-me" –, isto sim, a solução fácil da trama, num equilíbrio "resultante vetorial zero", artificial, em que o protagonista "revive" uma situação da infância e assim consegue "purgar" seus fantasmas . Aristotélico demais, estóico demais, freudiano demais. Sem uma idéia de ordem objetiva do mundo capaz de orientar normativamente tanto o horizonte de escrita quanto o da leitura, esse tipo de solução se

revela simplório, apressado, inverossímil, tendendo ao edificante, moralizante. Seria preciso sugerir, e com muita delicadeza, algum critério de objetividade — a História, o destino, a natureza –, para que uma solução como a adotada por Galera pudesse revelar alguma força dramática. Mas ele esreve bem, o livro tem alguns little speeches memoráveis.

Às vezes, tenho a impressão de que falta leitura à "nova geração" de escritores brasileiros, principalmente dos clássicos da crítica: Benjamin, Auerbach, Lukács, Bakhtin, etc. É como se eles escrevessem "porque é bacana ser escritor". Tá bom, é bacana mesmo, mas é preciso um pouco mais. Lendo o Mestre de Petersburgo do Coetzee, ou E a História Começa, do Oz, dá pra perceber o grau de reflexão dos caras, o quanto eles dominam seu campo de trabalho, o quanto eles sabem o que estão fazendo.

No geral, o que leio dos novos autores brasileiros me parece superficial, apressado, raso. O "Feriado de mim mesmo" do Santiago Nazarian termina com uma piadinha, não tem a menor densidade psicológica, parece uma simples brincadeira de "pista-recompensa" com o leitor; o Feia Noite da Simone Campos é até bem escrito, mas parece que fica nisso (não consegui avançar muito, e não me culpo quando deixo de lado um livro que não me prendeu depois de quarenta páginas); o Vésperas da Adriana Lunardi também é bem escrito, mas e daí?; o Corpo Estranho, da mesma autora, é simplesmente intragável, exercício renascentista de perspectivação; Segundo Tempo, que foi detonado na Copa, me pareceu bem pensado, sincero, mas faltou depurar o texto, desenvolver melhor alguns personagens. E por aí vai.

Não vejo, na prosa brasileira contemporânea, nada que se aproxime dos grandes lá de fora ainda vivos e produtivos. Miltom Hatoum e Bernardo Carvalho, com muito mais estrada que os citados acima, me parecem supervalorizados. Só consigo pensar em dois caras com uma obra vasta e consistente: o Sérgio Sant'Anna e o Rubem Fonseca. Talvez, daqui a vinte anos, esses autores que citei publiquem obras-primas — até porque são todos jovens. Espero. Mas por enquanto… Fico com os gringos (no bom sentido, claro, mas qual é o bom sentido mesmo?).

Rodrigo Sampaio disse:

27/09/07 - 6:32 pm

91

Stephen, concordo em gênero, número e grau com sua interessantíssima consideração. Um detalhe somente: em arte, você não pode excluir nada. Pode até acontecer de um

cara escrever com brilhantismo se utilizando da mesóclise com um sentido inovador. São as riquezas que o português oferece para o artista (como reger em segunda pessoa os verbos). De resto, faço minha suas palavras: falta muiiiiiiiita filosofia da arte no panorama literário do Brasil e do mundo.

lucas disse:
27/09/07 - 6:50 pm
92
Comentarios rapidos e sem acento no meio de uma semana tumultuada:
- André, legal te ver por aqui. E interessante você ter dito que achou que nao tinha chance na Copa depois de ler a resenha do jogo do Galera e da Moscovich. Nos meus comentarios pos-jogo fico tentando inventar que tal livro ganhou com moral ou que outro vai chegar às quartas de final em baixa, mas a verdade é que cada jurado tem um gosto e uma visao da literatura diferentes, às vezes imprevisiveis. E a graça é mesmo essa.
- Stephen, eu gostei da forma como o Galera lida com a purgaçao do erro em "Maos de cavalo": achei que foi uma grande sacada inverter a ordem dos acontecimentos e relatar a tentativa de reparaçao antes do erro, porque dessa forma fica claro que a reparaçao nao repara nada, que o mal foi feito e é tarde demais para Hermano perdoar a si mesmo.
Abraços,
Lucas

Stephen disse:
27/09/07 - 8:45 pm
93
Lucas, a sacada é boa mesmo, como artifício literário. O Galera sabe escrever, sabe construir uma narrativa. Gostaria de vê-lo em outros jogos da copa, quem sabe numa final movimentada contra o André Sant'Anna.
Proponho uma comparação do Mãos de Cavalo com o Reparação do McEwan: neste último, a tentativa de reparação é construída e apresentada como uma impossibilidade efetiva. O legado de Briony, no máximo, permite a ela acertar contas com seus fantasmas de forma respeitosa, nada mais que isso. Já em Mãos de Cavalo, Hermano — um personagem interessantíssimo — intervém na "ordem das coisas" ao impedir que o mal se repita com "cores e nomes diferentes". De certa forma, há a tentativa de uma

reparação, de uma purgação, de um acerto de contas que é mais que isso, é um próprio reajuste do "eu". É claro que o garoto que foi morto não reviverá, que o ajuste é incompleto, mas o sangue que corre na briga final, a euforia do protagonista enquanto toma os pontos — enquanto é punido –, o paternalismo com o garoto perseguido, tudo isso lava a alma de Hermano, repara não a covardia de outros tempos, mas o que ele fez de si nos anos seguintes. Não me parece que seja tarde pra ele. Hermano, inclusive, parece bem resoluto ao fim do livro. Daí a resultante zero a que fiz referência… o presente não muda o passado, mas transforma seus efeitos, permite novos começos. Em Reparação, há um sentido de contingência, de respeito ao destino e ao fardo — entendidos de forma flexível, como o que fizemos com o que nos foi dado –, uma atitude mais prudente diante da realidade, enquanto em Mãos há um ímpeto de juventude que me parece um pouco presunçoso.

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 8:57 pm
94
De novo, aos pouquinhos, pois estou exausto - e que bom que o Lucas, nosso MC, apareceu tb hj.
Uma questão que aparece no comentário do André e que me interessa é o seguinte. Há, na recepção da resenha que escrevi um "sucesso": os comentários a aprovam e, com o André, os comentários avançam pra uma situação na qual o autor diz "Sim, o que eu queria fazer, minha intenção, foi essa aí mesmo que o resenhista descreveu e analisou". Para mim, claro, os aplausos e a confirmação do autor são boas, confirmam o que fiz. Afinal, o André está dizendo, creio, algo como "Esse cara leu o meu livro direito", e o pessoal, mesmo sem ter lido os livros que li, viu algo assim no texto: uma certa eqüidade, uma certa preocupação com a descrição e a argumentação etc.
Muito bem: eis a questão: e se o autor teimasse? Se o autor comparecesse aqui para dizer "Essa pessoa me leu mal" - isso compromete a crítica?
Só uma lebre que estou levantando, talvez motivado pelo que penso ser uma significativa mudança na natureza do debate de ontem pra hj.

Antonio Marcos disse:
27/09/07 - 9:08 pm
95

O Polli falou uma coisa importante. Não é por ser mais “realista”, mais colado à epiderme factual da fala, que o livro funciona: é também por isso, mas não só por isso. Pois, como vc mesmo aponta, Polli, tudo nesse negócio é artifício, é jogo, é forjado. Mas, mesmo assim, há várias medidas de sucesso.

Acho que até por vícios do cachimbo profissionais, tendo a apreciar uma certa verossimilhança. Mas mesmo essa noção, “verossimilhança”, tem muitas faces. O que é pra mim o sine qua non da boa narrativa é uma certa exigência que ela opere suspendendo minha descrença, suspendendo meu regime de juízo. Não dá pra me divertir ou me entusiasmar com uma leitura se fico o tempo todo me lembrando que isso ou aquilo está bem ou mal ajustado com o suposto projeto do texto. E nesse terreno há tantas variáveis que fica difícil falar em geral, o exame tem que ser caso a caso. Já que o Stephen falou no McEwan, tome-se uma cena como a do balão, capítulo de abertura do Enduring Love: acho difícil não suspender a descrença ali: entramos na cena, estamos com o narrador e não abrimos nada. E esse é o equivalente literário de um grande gol, acho. Isso experimentei, em vários momentos, no texto do Sant’Anna, e em nenhum momento no texto do Braga.

Antonio Marcos disse:

27/09/07 - 9:22 pm

96

Stephen, há muita coisa pra comentar nos seus comentários. Uma coisa que o Rodrigo confirmou tem a ver com a indigência da (in)formação de muitos que ocupam o lugar de produtores de discurso sobre as artes. É triste isso, e lamento particularmente por crer que a figura do diletante, do amador, do apreciador não-profissional, há de estar desaparecendo (ou não? o que acham disso?). Volta e meia me pego em uma mesa-redonda ouvindo alguém proferir verdades sobre uma certa produção que me fazem pensar coisas do tipo se a pessoa gosta mesmo de ler, se alguma vez gostou de ler (ou de arte, pra citar outro metier com o qual tenho alguma familiaridade).

Tb gosto muito do Sergio Sant’Anna, O Concerto foi uma leitura de formação muito importante pra mim, e acho a produção dele muito consistente (e ele low profile, admiravelmente low profile). Gosto muito do Nove Noites, mas fora esse livro tendo a preferir a crítica do Bernardo Carvalho que a ficção dele (esse último então achei um pavor, e estou devendo a mim e ao Lucas - que gostou do livro - uma conversa a

respeito). Vc tb, ao associar o livro do Galera ao magnífico Reparação, me fez ter mais vontade de ler o Galera. Renata, será que vc não quer me dar seu exemplar?

Renata Miloni disse:
28/09/07 - 8:16 am
97
Stephen, também não acho que seja tarde pro Hermano. Muito bom o que você disse. Antonio, nem precisava associar o do Galera com outro livro hehe: *Mãos de cavalo* é bom e o personagem, então, é sensacional. Gostei bastante do livro (tem gente que acha que eu não gostei só porque escolhi o outro) e quero voltar a ler o bichinho um dia. Por isso, vou negar o presente hehe. Se eu pudesse, te dava um novinho, que o meu está

cheio de anotações.

André Sant'Anna disse:
29/09/07 - 3:50 pm
98
Oi, pessoal. Eu estava com medo, confesso, de entrar aqui de novo e encontrar aquelas agressões que sofri no blog do Garschagen e de seus leitores, como aquele Paulo que apareceu por aqui. Essa história mexeu comigo muito mais do que vocês podem imaginar. Não foi uma coisa racional, até por que, racionalmente, é mais do que óbvia a pobreza argumentativa dessa gente. Mas é uma coisa que vai direto no estômago, como uma agressão física, como aquela história da cusparada de um estranho no meio da rua. Mas vi que a discussão aqui é outra história. Antônio, eu é que lhe digo: saber que um crítico, ou um leitor, ou qualquer pessoa, sacou direitinho a intenção de um texto, do uso de uma determinada linguagem etc. é a melhor coisa que um autor pode receber como recompensa. Esse meu hiper-hiper-realismo de linguagem, sempre é confundido (muitas vezes por maldade) com o simples uso do palavrão, ou do erro, para chocar, ou bancar o marginal, experimentalista, transgressor, vanguardista, essas bobagens. E essas denominações grudam na gente. Valeu, mesmo, Antônio. Renata, reli o seu comentário sobre o livro do Galera e creio que entendi melhor, embora, neste momento, eu esteja louco para ficar amigo de todo mundo. Continuo achando o livro do Galera muito bom, mas pode ser que ele tenha entrado, em algum momento, nessa contradição de linguajares. coisa que acontece mesmo. Foi uma coisa que não me chamou atenção,

quando li o livro, que jea li querendo gostar, por ter gostado também de “Até o dia em que o cão morreu”. E, como disse acima, estou meio traumatizado com esse negócio de “fala naturalista”, “cafajestismo de linguagem”, “escatologia” e “sexo gratuito”, coisas das quais sou sempre acusado.
E vamos lá. Estou no trabalho e tenho que parar de escrever.
Beijos, abraços,
André

tiago a. disse:
29/09/07 - 5:59 pm
99
A provocação de AMP foi:
“e se o autor teimasse? Se o autor comparecesse aqui para dizer ‘Essa pessoa me leu mal’ - isso compromete a crítica?”
E o autor em questão, André Sant’anna acaba de dizer que:
“saber que um crítico, ou um leitor, ou qualquer pessoa, sacou direitinho a intenção de um texto, do uso de uma determinada linguagem etc. é a melhor coisa que um autor pode receber como recompensa.”
Não acho que exista algo chamado A Intenção De Um Texto. O que existe é o texto e pronto. Digo que o que AMP disse foi uma provocação porque, sabendo que ele circula na academia, a gente tem uma suspeita sobre a espécie de papo que ele tá querendo bater com essa pergunta. O autor é só mais um leitor–um leitor privilegiado, certo, mas, ainda assim, só mais um leitor. De modo que se André Sant’anna tivesse vindo aqui e dito Não, não, tudo errado, não é nada disso, era só mais uma opinião. As pessoas têm essa mania de valorizar demais a figura do autor e deixar de lado o texto, que é o que importa (vocês da academia certamente têm um nome pra esse fenômeno, provavelmente em francês, provavelmente utilizando termos como “fetiche”, tal). Admitir que a opinião do autor tem mais peso do que as demais seria de uma certa maneira validar o prefácio do saudözo Flávio Braga: a bula Ói, leiam meu livro assim; para fruição plenta, favor inseri-lo no contexto das grandes obras em que ele se inspira, patati, patatá.

tiago a. disse:
29/09/07 - 6:10 pm

100
o “plenta” ali sendo, obviamente, “plena”
e esse é o 100º comentário–ganho algum prêmio?

André Sant'Anna disse:
29/09/07 - 6:30 pm
101
Tiago, quando escrevo um livro, normalmente tenho uma intenção, sim. Tenho algo que eu quero dizer. E esse algo está tanto na história que conto (ou reflexões que faço), quanto na linguagem que utilizo. Mas, claro, pode ser que eu não consiga dizer o que tinha intenção de dizer. E resenhas-críticas (sei lá que nome dar a isso) como a do Antônio Marcos fazem com que eu tenha o feedback necessário para saber que consegui dizer o que queria. Já recebi, inclusive, críticas negativas que indicaram que eu tinha alcançado meus objetivos. Penso literatura, e arte em geral, não como um entretenimento (embora possa ser também, numa boa). Por exemplo, “O Paraíso É Bem Bacana” fica meio cansativo, meio chato, nos excessivos delílrios sexuais do Mané com as 72 virgens. Os leitores se cansam com isso, o Mané se cança com isso e eu mesmo me cansei ao escrever. Mas esse cansaço era exatamente o que eu queria provocar em relação a essa coisa do sexo. Tenho um pouco de nojo do modo “liberal” como o sexo é tratato pelas pessoas, hoje em dia. Para citar meu pai - o Sérgio Sant’Anna - acho que “O sexo não é uma coisa tão natural.” Pô, que bom conversar sobre literatura, ao invés de trocar ofensas.
Abraço,
André

tiago a. disse:
29/09/07 - 6:54 pm
102
Pô, André, também acho bem melhor conversar sobre literatura: ad hominem demais enjoa. Mas, tipo, veja que eu não neguei que você (sujeito/autor) tivesse uma intenção. O que eu neguei foi que o Texto tivesse algo assim, nessa natureza. Não tem (AMP–que provavelmente saca mais dessas paradas, de pós-estruturalismo, de Foucault, Barthes, esses caras–vai poder falar melhor, tal. Se quiser né.^^). Mas isso que você falou sobre o feedback é massa mesmo. Aliás, se há algum propósito na crítica é justamente esse

que você mencionou. Veja esse caso que ficou famoso recentemente, o caso James Wood-Zadie Smith. Pra resumir em três linhas, ZS escreveu um livro (o segundo dela), JW criticou (essa resenha é bem boa, por sinal, corram atrás), e ela, segundo o que me contaram, falou É, faz sentido isso que você disse. E esse ficou sendo um típico caso em que o crítico foi relevante para o trabalho do escritor. Sobre essa coisa dos delírios de Mané, não li seu livro ainda, então não posso falar muito. Mas já ouvi algumas pessoas falando disso, dessa experiência do cansaço, e já duvidava que não houvesse um motivo pra aquilo estar ali–agora com seu depoimento, então, vejo que minhas suspeitas tinham razão de ser. É estranho, mas a galera às vezes se esquece que existe a possibilidade de criar um determinado efeito estético pelo cansaço, pela repetição, pela extensão né. Enfim, um abraço.

lucas disse:

29/09/07 - 8:28 pm

103

Tiago, concordo em termos com a história da visão do autor ser só uma entre muitas. Afinal, o autor tem uma relação com o texto que nenhum leitor jamais terá. Não estou dizendo que para ler um texto é indispensável conhecer a vida e as intenções do autor; pelo contrário, acho que o texto deve se sustentar sozinho, e nesse sentido estou com você. Mas quando o autor diz que quis fazer isso ou aquilo, vale a pena prestar atenção, nem que seja para concluir que o objetivo não foi alcançado ou que ele não vale a pena.

Para usar o exemplo mais imediato: o André diz que “O paraíso é bem bacana” às vezes é voluntariamente chato e cansativo. Quando ele escreve isso, eu sei que há grandes diferenças entre a sua visão da literatura e a minha: para mim, nenhum motivo justifica a chatice de um texto. O que quer dizer que o livro do Sant’Anna não é para mim - ou, o que dá mais ou menos no mesmo, que eu não serei um bom leitor do livro do André. Mas é interessante saber que essa incompatibilidade é consequência do projeto estético do autor. A isca do André pode não ser do meu gosto, mas talvez seja só porque ele está tentando pegar outro tipo de peixe.

E surge daí outra pergunta/provocação: qual é o papel do crítico diante de uma obra cujo projeto estético não atende às suas expectativas de leitor? Ou, usando um exemplo: o que eu deveria fazer se decidisse escrever sobre “O paraíso é bem bacana” (presumindo que não vou gostar das tais partes chatas e cansativas do livro)? Impor a minha visão sobre a obra e tratar a chatice como um problema, colocar o meu gosto

pessoal em segundo plano e discutir os objetivos do autor, ou ficar no meio do caminho? Mais: sem ter acesso às intenções do autor, é possível distinguir a chatice que surje da falta de talento da chatice que surje de um projeto literário?

Abraços,

Lucas

lucas disse:

29/09/07 - 8:29 pm

104

Ah, esqueci: não tem prêmio nem pro vencedor da Copa e você quer um prêmio pelo centésimo comentário?

Abraços,

Lucas

tiago a. disse:

29/09/07 - 10:17 pm

105

Nota linguística: Lucas, você há de gostar de saber que, aqui na minha terra, chamam a isso de "queixo". E o sujeito pidão recebe a alcunha de "queixudo". Há, inclusive, a expressão "que queixo, viu!". Sério.

Mas às suas perguntas.

A primeira é: "qual é o papel do crítico diante de uma obra cujo projeto estético não atende às suas expectativas de leitor?"

Minha resposta é: explicitar suas expectativas de leitor. Não valorizo crítica asséptica e crítico que não revela seus gostos, a tal da crítica cotada em estrelinhas. Daí que, pra mim, não existe esse negócio de "colocar o gosto pessoal em segundo plano e discutir os objetivos do autor". Há que se colocar o gosto pessoal em primeiro plano à medida em que se discute o texto (não o autor–mais sobre isso adiante). Não sei desenvolver muito bem o tema assim, abstratamente, tal, então recorro ao exemplo de James Wood. A essa altura, todo mundo já deve ter ouvido falar da implicância dele com o estilo que ele apelidou de Realista Histérico, saco em que ele põe boa parte da literatura em língua inglesa contemporânea (Rushdie, Delillo, David Foster Wallace, Pynchon, Dave Eggers, Zadie Smith et. al.). Pois mesmo discordando dele, mesmo reconhecendo que o gosto dele não é o meu, eu não deixo de ler uma resenha dele que trate de um Realista

Histérico. Ali está um cara com um gosto definido, que a todo momento está lhe dizendo Se liga que eu não gosto disso aqui não, mas que dá ao objeto da resenha uma atenção tão awesome que no final você acaba colhendo mais insights de uma resenha dele do que da maioria das resenhas da galera que efetivamente gosta daquele projeto estético. Não tem como terminar a leitura de uma resenha de JW e sair com a impressão de que o cara não leu a parada. Isso eu acho massa. Bem que você podia convidá-lo para a próxima edição da copa né.^^

Divago. Voltando ao assunto, vou aproveitar minha implicância com essa ênfase sobre a figura do autor para responder àquilo que identifico como uma segunda pergunta no seu comentário: "sem ter acesso às intenções do autor, é possível distinguir a chatice que surje da falta de talento da chatice que surje de um projeto literário?". Eu acho difícil e dolorosamente subjetiva essa parada de identificar intenção de autor. Tipo, André Sant'anna veio aqui e prestou seu depoimento sobre o efeito que queria produzir. Mas quem me garante que ele está sendo sincero? Ou, ainda, quem me garante que ele sabe realmente qual o efeito que queria produzir? Quem me garante que esse não é um discurso elaborado depois de o livro ter sido escrito? Quem me garante que a intenção dele era essa e que permaneceu essa? (E veja que não há aqui ofensa nenhuma a André Sant'anna–só desconfio da sinceridade dele na mesma medida em que desconfio da sinceridade de qualquer escritor, esses sujeitos que, como todos sabem, mentem pra viver, cujo trabalho tem por essência a mentira, no fundo sendo isso o que nos faz gostar tanto deles; a gente adora que eles mintam, que eles nos enganem, é o que a gente mais quer quando vai até eles né: minta pra mim, autor, mente aí, na boa.) Sacou mais ou menos o que eu quero dizer? É basicamente por isso que acho melhor se ater ao texto. Claro que não é desprezível o discurso que um autor formula sobre sua própria obra; como diz a resenha de AMP, isso "pode balizar uma leitura, alterar o campo semântico de um texto, instruir o leitor a respeito de sua tarefa interpretativa". Se bem que eu tenha dúvidas quanto a necessidade de um leitor ser instruído/tutelado em sua tarefa interpretativa, concordo com o grosso do que ele diz aí. Acho apenas que essa é uma tarefa secundária, que a tarefa principal é encarar primordialmente o texto, confrontá-lo/relacioná-lo com outros textos (noto agora que, falando assim de textos, textos, estou perigosamente soando como um estruturalista seborrento, coisa que eu não sou, viu, gente, eu sou limpinho, tomo banho, tal). E aí dá sim pra "distinguir a chatice que surje da falta de talento da chatice que surje de um projeto literário". Falta de talento é um troço que fede, tu percebe pelo cheiro. Voltando a JW, direto ele diz isso

quando tá falando de David Foster Wallace: “Aqui tem um gênio trabalhando, talentosíssimo, tal, mas cujo projeto, infelizmente, eu acho chato pra cacete”. Pra resumir, eu continuo achando que perscrutar consciências é coisa de psicanalista. E se ater ao texto é a maneira possível de ser objetivo nessa parada tão subjetiva que é a crítica, pelo menos essa é a minha opinião.

lucas disse:
30/09/07 - 6:04 am
106
Tiago, fecho com você nos dois assuntos. Também não valorizo crítica asséptica e acho que o crítico que não exibe à platéia seus gostos e preconceitos é ou desonesto ou limitado. E agora entendi melhor o que você quis dizer sobre a importância do autor em relação ao texto, e concordo plenamente.
A resenha do James Wood sobre “The autograph man”, da Zadie Smith, está aqui: http://www.lrb.co.uk/v24/n19/wood02_.html Mas fiquei um pouco desapontado. No começo da resenha, Wood parece criticar Smith por ela ser uma gentia tentando escrever um livro essencialmente judeu, o que não faz muito sentido. Mais à frente, Wood parece justamente não entender o projeto estético de Smith. A ambiguidade com que ela trata as excessivas referências à cultura pop são intencionais: Smith entende os problemas desse vício mas também seu poder de atração, e acho que essa segunda parte da equação escapa a Wood. Enfim, é verdade que os personagens de Smith não pensam ou agem como pessoas reais, mas e daí? Eu não estou lendo uma reportagem. Hamlet e Lorelai Gilmore também não falam como a gente e não deixam de ser ótimos personagens.
Mas em outros pontos concordo com a análise de Wood. Em “The autograph man” as referências realmente são mais importantes do que os personagens, e isso é um problema. E acho essa observação particularmente interessante porque acabei de ler “On beauty”, o terceiro romance de Smith, e ali os personagens ganharam muito mais força. Não sei se foi o Wood não, mas ela mudou para melhor entre um livro e outro.
Abraços,
Lucas

Jonas disse:
01/10/07 - 2:24 pm

107

Eu concordo com o Tiago. Acho que uma obra de arte não é um elemento fechado, mas aberto a interpretações. É claro que o autor escreve pensando em um objetivo, em um sentido. Só que, a não ser que entremos na cabeça dele, é impossível traduzir essa intenção com exatidão. O que a crítica literária se propõe a fazer é dar uma interpretação própria, que faça sentido e seja bem argumentada. É besteira discutir se ela está certa ou não - acho mais interessante falar em “adequada”.

Stephen disse:

01/10/07 - 5:13 pm

108

Sobre a questão da intenção. A discussão “que importa quem fala?”, “que é um autor?” me parece datada, ainda que reconheça sua importância histórica. Importa, sim, quem fala, não como o sujeito plenipotenciário que emana um discurso fechado cuja recepção é tanto melhor quanto mais colada às intenções. Importa quem fala na medida em que quem fala é um agente que deseja intervir de alguma forma na realidade, e para tanto articula “n” elementos que põe em jogo como livro — elementos condicionados historicamente, etc., mas não determinados; elementos que são quase infinitos dentro de sua moldura sócio-histórica.

A intenção, nessa história, é apenas mais um elemento, a meu ver um elemento pouco importante, isto porque a intenção se dilui nos diversos movimentos do livro. O que o autor quer dizer, quer fazer, deve se mostrar como dizer e fazer — logo, como algo que não é mais intenção, mas o produto de uma intenção. Para o leitor, cabe jogar esse jogo com as regras que o texto oferece e com seu horizonte próprio, singular, com sua formação e suas leituras. Nesse jogo, não vejo muito espaço para a discussão da intenção. Vejo, sim, discussão acerca do “que faz o autor quando escreve alguma coisa”, dos movimentos, das genealogias, das leituras formadoras, da dissimulação do artifício, etc. Por isso o papel do crítico é tão relevante. O crítico acaba sendo, nesse sentido, um mediador da leitura, uma leitura que se supõe “competente”, bem armada, capaz de compreender não a intenção, mas os movimentos do texto, capaz de expor as regras daquele jogo específico. Agora tocando na pergunta do Lucas: que fazer quando o crítico e o projeto estético não se entendem? Não sei. Essa é minha resposta. Saber reconhecer o projeto já é alguma coisa, saber atribuir seu valor idem, mas sem cair na pasteurização qe a meu ver toma conta da crítica de arte no Brasil.

Pingback<u>**Copa de Literatura « Baianices**</u> disse:

<u>18/10/07 - 11:16 am</u>

109

[...] no futebol, às vezes o jogo esquenta, e já teve até autor de livro que apareceu na caixa de comentários, no final do jogo. Vai lá ver, vai. Depois me conta o que você [...]

Pingback<u>**Copa de literatura brasileira: genial! « Mal de Montano**</u> disse:

<u>20/11/07 - 2:04 pm</u>

110

[...] 5 O paraíso é bem bacana x O que contei a Zveiter sobre sexo Jurado: Antonio Marcos [...]